



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento de Educação

**Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica
em alunos do 1ºciclo do Ensino Básico**

Susana Patrícia Silva e Sousa

Relatório Final para Obtenção do Grau de Mestre em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientadores

Prof. Doutora Paula Farinho

Prof. Doutora Maria João Delgado

Setembro, 2014



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento de Educação

**Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica
em alunos do 1ºciclo do Ensino Básico**

Susana Patrícia Silva e Sousa

Relatório Final para Obtenção do Grau de Mestre em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientadores

Prof. Doutora Paula Farinho

Prof. Doutora Maria João Delgado

Setembro, 2014

Cada criança é um artista,
o problema é permanecer
artista enquanto se cresce.

Pablo Picasso

Agradecimentos

Durante a realização do Relatório Final do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, assim como durante todo o processo de investigação, pude contar com o apoio, incentivo e carinho de pessoas muito especiais que tornaram possível a apresentação deste estudo.

À professora Paula Farinho pela compreensão e carinho que transmitiu ao longo destes dois anos. Pela sua paciência, disponibilidade e pelo seu tempo.

À professora Maria João Delgado pelas orientações teóricas, disponibilidade e apoio.

À turma onde foi realizado o estudo, ao professor titular da turma e à Escola Básica do 1º Ciclo e Jardim de Infância pelo caloroso acolhimento e por todos os momentos que me fizeram rir e chorar, momentos que ajudaram a prosseguir e enfrentar todos os obstáculos, medos e hesitações.

À minha colega Cláudia Teixeira por partilhar as minhas vitórias e as minhas derrotas sem julgamentos, que apesar de termos percorrido o mesmo caminho académico nas mesmas entidades, apenas nos conhecemos no início da investigação.

À Ana Sofia Felício, amiga e colega que esteve ao meu lado desde o dia em que nos tornamos amigas.

Aos meus pais, irmãos e avô pelo tempo, força, paciência, incentivo e amor que me deram não só no final deste processo mas ao longo de toda a minha vida.

À minha filha linda pelo tempo de brincadeira com a mãe que perdeu e pelos beijinhos e sorrisos ilimitados que me fizeram continuar.

Ao meu namorado, Alexis Silva, pelo apoio e amor incondicional, por me ouvir, por sempre acreditar em mim, pelos festejos durante as vitórias, pelo ombro perante as derrotas, pelo tempo que perdeu e que eu ganhei, pela força e por estar sempre do meu lado mesmo perante as indecisões e momentos apáticos.

Obrigado a todos,

Susana Sousa

Resumo

Apesar de fazer parte do programa do 1º Ciclo do Ensino Básico, a expressão plástica ainda é pouco utilizada na sala de aula, sendo utilizada na altura de fazer a ilustração de um texto ou como um modo de manter os alunos ocupados, esquecendo a importância da criatividade para o desenvolvimento das crianças.

O estudo aqui apresentado teve como objetivo a exploração desta área de conhecimento, centrado na criatividade, alertando os alunos para uma cultura artística que desconheciam.

A investigação decorreu no ano letivo 2013/2014, entre novembro e maio, numa escola de 1º Ciclo do Ensino Básico de Loures. A turma onde realizámos o estudo frequentava o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico. Durante o tempo de observação constatámos que não houve momentos especificamente preparados para a realização das atividades plásticas, nem para a exploração da criatividade, e foi a partir desta observação que decidimos efetuar a nossa pesquisa.

Ao verificarmos e definirmos esta problemática como centro do nosso estudo, colocámos as seguintes questões de investigação:

- a) Como estimular a criatividade dos alunos?
- b) Como incentivar os alunos para as artes plásticas?
- c) Como desenvolver nas crianças capacidades de interação com os outros?
- d) Que atividades podemos apresentar aos alunos e seus familiares, para que as crianças possam criar novas obras no ambiente familiar?

Deste modo, optámos por desenvolver um Plano de Ação que desse resposta à inexistência destas atividades de expressão plástica com o objetivo de desenvolver a criatividade através do interesse pelas artes plásticas, motivando os alunos para a arte e para o conhecimento de alguns artistas plásticos e simultaneamente, desenvolvendo nas crianças o gosto pela criação de “obras de arte” por si concebidas.

O nosso plano de ação foi dividido em cinco sessões práticas realizadas com as crianças e uma exposição de trabalhos de expressão plástica que ficou disponível à comunidade escolar e às famílias de todos os alunos da escola.

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

Relativamente à recolha de dados utilizámos um inquérito por questionário, realizado no início do estudo aos alunos, compusemos narrativas reflexivas diárias sobre cada sessão e registámos as sessões e os produtos das atividades através de fotografias.

Perante a reflexão das conclusões do estudo, consideramos que a criatividade é essencial para o desenvolvimento pessoal dos alunos. A expressão plástica e a cultura artística em geral permitem que as crianças explorem a criatividade, cabe ao professor conceder as ferramentas necessárias.

Palavras-chave: criatividade, arte, cultura e confiança.

Abstract

Despite being part of the 1st Cycle of Basic Education program, the artistic expression is still not widely used in the classroom, being used at the time of making the illustration of a text or as a way to keep the students busy, forgetting the importance of creativity for children's development.

The study presented here aimed to exploit this knowledge area, centered on creativity, alerting students to an artistic culture that ignored.

The research took place in 2013/2014 school year, between November and May, a school 1st Cycle of Basic Education of Loures. The class where we conducted the study attended the 1st year of 1st Cycle of Basic Education. During the time of observation we found that there were no moments specifically prepared for the realization of plastic activities, or for exploration of creativity, and it was from this observation that we decided to make our research.

When investigating this issue and define the center of our study, we placed the following research questions:

- a) How to stimulate students' creativity?*
- b) How to encourage students to fine arts?*
- c) How children develop in interaction capabilities with others?*
- d) What activities can introduce students and their families so that children can create new works in the family environment?*

Thus, we chose to develop an Action Plan that give response to the lack of plastic expression of these activities in order to develop creativity through interest in the arts, motivating students to the art and to the knowledge of some artists and simultaneously developing in children a love for creating "works of art" in itself designed.

Our plan of action was divided into five practical sessions with children and an exhibition of works of artistic expression that became available to the school community and the families of all students in the school.

Regarding data collection used a questionnaire survey conducted at baseline students, we wrote daily reflective narratives about each session and we recorded the sessions and products activities through photographs.

Given the reflection of the study's findings, we believe that creativity is essential to the personal development of students. The plastic expression and artistic culture in general allow children to explore creativity, the teacher should provide the necessary tools.

Keywords: *creativity, art, culture and trust.*

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Contextualização da Problemática	3
2. Caraterização do contexto institucional	5
2.1. Caraterização do meio envolvente	5
2.2. Caraterização do agrupamento	6
2.3. Caraterização da escola	7
2.4. Caraterização da sala	7
2.5. Caraterização da turma	8
3. Enquadramento da área temática	9
3.1. Definição de arte	9
3.2. Ensinar arte	10
3.3. A criatividade	12
3.4. Desenvolvimento de capacidades e atitudes através da expressão plástica.....	15
3.5. Artistas trabalhados	16
3.5.1. Joana Vasconcelos	16
3.5.2. Rafael Bordalo Pinheiro	17
4. Descrição e avaliação das atividades realizadas	18
4.1. Metodologia	18
4.1.1. Desenho da Investigação	19
4.1.2. Participantes.	20
4.1.3. Recolha de dados.	20
4.2. Apresentação e justificação do plano de ação	21
4.2.1. Teia.	22
4.2.2. Recursos.	23
4.2.3. Avaliação.	23
4.2.4. Calendarização/cronograma.	24

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

4.3. Implementação do plano de ação	25
4.3.1. Atividades desenvolvidas e análise crítica.	25
1ª sessão – Espiral colorida e caixa pintada	25
2ª sessão – Canetas mágicas e sabonetes com cheiro	29
3ª sessão – Preparação dos azulejos e dos pratos	33
4ª sessão – Pintura do azulejos e pratos	36
5ª sessão – As escolhas	39
Exposição	41
4.4. Avaliação do plano de ação	45
4.4.1. Questionário.	45
4.4.2. Avaliação realizada pelos alunos.	49
4.4.3. Análise das atividades.	51
4.4.4. Conclusões.	52
5. Reflexão final	53
5.1. Implicações do plano de ação para a prática profissional futura	53
5.2. Potencialidades e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional	53
Referências Bibliográficas	55
Apêndices	A1

Índice de quadros

Quadro 1 – Freguesias de Loures	5
Quadro 2 – Escolas do agrupamento	6
Quadro 3 – Cronograma	24
Quadro 4 – Escolhas dos alunos	40
Quadro 5 – Avaliação das atividades	49

Índice de figuras

Figura 1 – Mapa do concelho de Loures	5
Figura 2 – E.B.1/J.I. de Loures	7
Figura 3 – Sala de aula	7
Figura 4 – Sala de aula	8
Figura 5 – Organização dos alunos por sexo	8
Figura 6 – Joana Vasconcelos	16
Figura 7 – Big Booby	17
Figura 8 – Vitrail	17
Figura 9 – Luso Nike	17
Figura 10 – Rafael Bordallo Pinheiro	17
Figura 11 – Cestas de frutas	17
Figura 12 – Andorinha	17
Figura 13 – Prato decorativo	17
Figura 14 – Teia	22
Figura 15 – Obra de Rafael Bordallo Pinheiro	25
Figura 16 – Obra de Joana Vasconcelos	25
Figura 17 – Processo de criação (Espiral colorida)	26

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

Figura 18 – Processo de criação (Espiral colorida)	26
Figura 19 – Processo de criação (Caixa pintada)	26
Figura 20 – Processo de criação (Caixa pintada)	26
Figura 21 – Resultados da 1ª sessão	27
Figura 22 – Obra de Rafael Bordallo Pinheiro	29
Figura 23 – Obra de Joana Vasconcelos	29
Figura 24 – Processo de criação (Canetas mágicas)	30
Figura 25 – Processo de criação (Canetas mágicas)	30
Figura 26 – Processo de criação (Sabonetes com cheiro)	30
Figura 27 – Processo de criação (Sabonetes com cheiro)	30
Figura 28 – Resultados da 2ª sessão	31
Figura 29 – Obra de Rafael Bordallo Pinheiro	33
Figura 30 – Obra de Joana Vasconcelos	33
Figura 31 – Obra de Rafael Bordallo Pinheiro	36
Figura 32 – Obra de Joana Vasconcelos	36
Figura 33 – Resultados da 4ª sessão	37
Figura 34 – Exposição	42
Figura 35 – Exposição (Pintar azulejos)	44
Figura 36 – Idades	45
Figura 37 – Género	45
Figura 38 – Gostas das atividades?	45
Figura 39 – Como são as aulas?	45
Figura 40 – Materiais utilizados	45
Figura 41 – Técnicas usadas	45
Figura 42 – Frequência das atividades	46

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

Figura 43 – Atividades com Português	46
Figura 44 – Atividades com Matemática	46
Figura 45 – Atividades com Estudo do Meio	46
Figura 46 – Ilustração de textos	46
Figura 47 – Figuras geométricas	46
Figura 48 – Materiais de desperdício	47
Figura 49 – Reprodução de quadros.....	47
Figura 50 – Vestuário.....	47
Figura 51 – Objetos em pasta de moldar.....	47
Figura 52 – Figuras em plasticina	47
Figura 53 – Artistas	47
Figura 54 – Obras	47
Figura 55 – Museus	47

Índice de apêndices

Apêndice A – Questionário aos alunos	A1
Apêndice B – Planificação da 1ª sessão	A4
Apêndice C – Diário de bordo da 1ª sessão	A5
Apêndice D – Planificação da 2ª sessão	A7
Apêndice E – Diário de bordo da 2ª sessão	A8
Apêndice F – Planificação da 3ª sessão	A10
Apêndice G – Diário de bordo da 3ª sessão	A11
Apêndice H – Planificação da 4ª sessão	A13
Apêndice I – Diário de bordo da 4ª sessão	A14
Apêndice J – Planificação da 5ª sessão	A16
Apêndice K – Diário de bordo da 5ª sessão	A17

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

Índice de siglas

Prática de Ensino Supervisionada II (PES II)

Instituto Superior de Ciências Educativas (ISCE)

Ensino Básico - 1º Ciclo e Jardim de Infância (E.B.1/J.I.)

Ministério de Educação – departamento de Educação Básica (ME-DEB)

Ensino Básico – 2º e 3º Ciclo (E.B.2/3)

Atividades de Tempos Livres (ATL)

1.Introdução

O presente Relatório Final surge no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES) II do curso de Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico do Instituto Superior de Ciências Educativas (ISCE).

Durante o ano letivo de 2013/2014 as unidades curriculares PES I e II foram realizadas numa turma de 1º ano na Escola do Ensino Básico – 1º Ciclo e Jardim de Infância (E.B.1/J.I.) de Loures.

O Ministério de Educação – departamento de Educação Básica (ME-DEB) (2007), no currículo Nacional do Ensino Básico refere que “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção” (p.151).

Segundo Layton (2001) a arte tem duas definições diferentes, uma refere-se à estética e a outra, “trata a arte enquanto comunicação que se distingue por um uso particularmente adequado de imagens” (p.13). Contudo em ambas as definições “identificamos as obras de arte, segundo o sentido formal, porque as achamos esteticamente agradáveis e achamos que elas potenciam a nossa perceção do mundo circundante através do uso adequado das imagens” (Layton, 2001, p.14).

Todos os tipos de artes, como a arte plástica, musical e dramática, permitem o desenvolvimento de quatro competências interligadas: “apropriação das linguagens das artes; desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação; desenvolvimento da criatividade; compreensão das artes no contexto” (ME-DEB, 2007, p.154). No presente estudo, iremos centrar-nos no desenvolvimento da criatividade, utilizando a arte plástica como ponto de partida.

Para que os alunos desenvolvam qualquer tipo de competências e atinjam os objetivos é necessário que se sintam motivados. Neste sentido Balancho e Coelho (1996) indicam existem dois tipos de fontes de motivação, as internas e as externas. Nesta investigação centrámo-nos em responder às fontes de motivação externas: a personalidade do professor, “influencia consideravelmente as aprendizagens dos alunos”; a influência do meio, “o aluno depende quase totalmente do ambiente familiar e do meio escolar em que vive”; a influência do momento, “a instabilidade emocional do aluno leva-o a revelar, consoante os momentos, atitudes diferentes perante o trabalho a realizar”; o objeto em si, “quando um objecto é mostrado ao aluno, pode despertar-lhe emoções ou constituir, para ele uma novidade” (p. 19).

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

Segundo Cooke (1885, citado por Read, 1982) “é mais difícil desenvolver a expressão, cultivar a imaginação, estimular a actividade mental voluntária do que ensinar mecanicamente” (p.203).

O relatório encontra-se organizado em cinco partes essenciais.

A primeira parte consiste na presente introdução, onde é apresentado o estudo, os seus objetivos e a organização do relatório.

Na segunda parte fazemos uma breve caracterização do contexto, caracterizando o concelho de Loures, o agrupamento de Escolas de Loures, a escola E.B.1/J.I de Loures, a sala de aula da turma que participa no estudo e a turma de modo geral.

Na terceira parte apresentamos o enquadramento da área temática, em que abordamos a importância da Expressão Plástica no currículo do 1º Ciclo, a importância da criatividade para o desenvolvimento das crianças, algumas considerações sobre como e o que ensinar sobre a arte plástica, as capacidades e atitudes que se podem trabalhar através da expressão plástica e algumas informações sobre os dois artistas portugueses e as obras trabalhadas com os alunos.

Na quarta parte descrevemos e avaliamos as atividades realizadas. Começamos por apresentar a metodologia utilizada, os participantes e os instrumentos para a recolha de dados. Segue-se a apresentação e justificação do plano de ação, onde surge a teia, os recursos utilizados, como foi realizada a avaliação e o cronograma do estudo. De seguida apresentamos as atividades realizadas e fazemos a análise de cada uma delas. Por fim avaliamos o plano de ação.

Na última parte refletimos sobre todo o processo de investigação, referindo as implicações do estudo na futura prática profissional, as potencialidades do estudo e o que poderia ter feito para melhorar a investigação.

1.1. Contextualização da problemática

O estudo aqui apresentado começou pela observação em contexto de sala de aula. Partindo deste primeiro tempo de observação seleccionámos o tema e a problemática do estudo.

Através da observação foi possível perceber que os alunos não exploravam a sua criatividade nem tinham conhecimento de artistas ou obras de arte, também não tinham acesso a materiais plásticos, utilizando apenas folhas, lápis de cor e marcadores para produzir desenhos livres e por indicação do professor.

Para uma melhor contextualização da problemática realizámos um inquérito por questionário que foi aplicado a todos os alunos da turma. Da análise dos dados obtidos foi possível identificar algumas fragilidades dos alunos relativamente a esta área, pois verificámos que os alunos não tinham tempos específicos para a realização das atividades de expressão plástica em sala de aula. Estes dados também nos ajudaram a confirmar o que foi registado no tempo de observação: a maior parte dos alunos não utilizavam, em alguns casos não conheciam, grande parte dos materiais referidos e não conseguiram nomear obras nem artistas plásticos. Foi também possível constatar que apenas um pequeno número de alunos visitou museus.

Deste modo, a problemática do estudo prende-se com a falta de conhecimentos, materiais e técnicas e a fraca exploração da criatividade inerente às crianças. Partindo da problemática definimos a seguinte questão: Será possível desenvolver a criatividade em alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, ao explorar a cultura artística?

Após a formulação questão de partida definimos o objetivo geral: Desenvolver a criatividade através do interesse pelas artes plásticas.

A partir deste objetivo geral procedemos a uma delimitação conceptual de objetivos específicos aos quais pretendemos dar resposta com a aplicação das atividades:

- (i) Estimular o interesse pela arte;
- (ii) Dar a conhecer artistas portugueses e algumas das suas obras;
- (iii) Estimular o sentido estético;
- (iv) Promover a criação de obras;
- (v) Explorar novas técnicas e materiais de Expressão Plástica;
- (vi) Envolver as famílias, de modo lúdico e criativo, nas atividades escolares;

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

- (vii) Desenvolver o trabalho cooperativo, a capacidade de partilha e o respeito pelos outros e as suas criações;
- (viii) Desenvolver a autonomia e a confiança nas suas escolhas;
- (ix) Fomentar a autoestima e o orgulho nas suas produções.

2. Caraterização do contexto institucional

2.1. Caraterização do meio envolvente

A escola E.B.1/J.I. de Loures está situada na freguesia de Loures, pertencente ao concelho de Loures, no distrito de Lisboa.

O concelho de Loures tem uma área de 167,94 Km² e em 2001 a população residente era de 197.567 habitantes.

O concelho de Loures está dividido em duas cidades, Loures e Sacavém, sendo composto por 18 freguesias.



Figura 1 – Mapa do concelho de Loures

Freguesias de Loures	
Apelação	Bobadela
Bucelas	Camarate
Fanhões	Frielas
Loures	Lousa
Moscavide	Portela
Prior Velho	Sacavém
Santa Iria de Azoia	Santo António do Tojal
Santo António dos Cavaleiros	São João da Talha
São Julião do Tojal	Unhos

Quadro 1 – Freguesias de Loures

Loures é considerado um dos concelhos com melhor localização geográfica de Portugal, devido à sua localização junto ao rio Tejo e à proximidade a Lisboa, mas também pela qualidade de vida, atividade económica, transportes, impostos e investimentos do estado.

2.2. Caracterização do agrupamento

A escola pertence ao Agrupamento de Escolas de Loures, com sede na Escola do Ensino Básico – 2º e 3º Ciclo (E.B.2/3) de Luís de Sttau Monteiro.

O agrupamento é constituído pelas seguintes escolas:

Escolas do agrupamento
Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de A-dos-Cães
Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Loures
Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Lousa
Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Montemor
Jardim de Infância de Salemas
Escola Básica do 1º Ciclo Loures nº2
Escola Básica do 1º Ciclo da Murteira
Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Fonte Santa
Escola Básica do 1º Ciclo de Ponte de Lousa
Escola Básica do 1º Ciclo do Tojalinho
Escola Básica do 1º ciclo com Jardim de Infância do Cabeço de Montachique
Escola Básica do 1º ciclo com Jardim de Infância de Fanhões
Escola Básica do 1º Ciclo de Casainhos
Jardim de Infância de Casainhos

Quadro 2- Escolas do agrupamento

Para responder às necessidades e características da população o agrupamento disponibiliza, para além do Ensino Regular, turmas com Percursos Curriculares Alternativos;

- Cursos de Educação e Formação de jardinagem, pintura e cozinha;
- Cursos de Educação e Formação de Adultos;
- Cursos de Alfabetização.

Relativamente ao pessoal docente, o agrupamento apresenta aproximadamente 250 docentes. A nível do pessoal não docente o agrupamento conta com aproximadamente 106 funcionários.

2.3. Caraterização da escola



Figura 2 – E.B.1/J.I. de Loures

A escola em questão é a Escola E.B.1/J.I. de Loures, com valências de jardim de infância e 1º ciclo, que se situa na cidade de Loures, na Rua Maria Lamas, Urbanização das Urmeiras e pertencente à freguesia e concelho de Loures, distrito de Lisboa. Situada na parte ocidente da cidade de Loures, esta instituição é de domínio público, sendo uma das principais escolas básicas

da região e também uma das mais recentes. O início do funcionamento da escola data de 7 de janeiro de 2003, ainda que tenha sido inaugurada oficialmente apenas em 25 de janeiro desse mesmo ano. A escola pertence ao Agrupamento de Escolas de Loures com sede na Escola E.B. 2/3 de Luís de Sttau Monteiro e constituído por sete escolas do 1º ciclo e jardim de infância, cinco apenas do 1º ciclo e dois jardins de infância.

O jardim de infância dispõe de duas salas de atividades e uma sala de prolongamento de horário e recreio. O 1º ciclo tem oito salas de aula, duas salas para as Atividades de Tempos Livres (ATL). Nas partes comuns dispõe de cozinha e refeitório, seis gabinetes (pessoal não docente, associação de pais, enfermaria, direção, professores e secretaria), biblioteca, sala de atividades alternativas, sala de reuniões e ginásio. Estes espaços encontram-se distribuídos por dois pisos, sendo a entrada principal pelo piso de cima e o acesso ao local de recreio pelo piso inferior. No exterior possui um pátio coberto e um pátio empedrado com escorregas. Tem ainda dois campos de jogos e zonas verdes.

Relativamente ao pessoal docente existem treze professores titulares, duas educadoras de infância no ensino regular, dois professores de ensino especial, uma educadora com funções de coordenação e uma professora bibliotecária, com funções em outras escolas.

2.4. Caraterização da sala

O grupo trabalha na sala número sete no piso inferior da escola. Assim, os alunos têm de descer as escadas principais para aceder à sala, mas têm acesso ao recreio através de uma entrada nesse mesmo piso.



Figura 3. – Sala de aula

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

A sala é utilizada por duas turmas, em regime duplo, estando de manhã ocupada pela turma já mencionada (1º ano) e, à tarde, por uma turma de 3º ano de escolaridade.

A sala sete é constituída por três portas diferentes: a porta principal, por onde os alunos entram, a porta que dá acesso à arrecadação, onde estão vários materiais de apoio às aulas, e a porta de emergência que dá acesso direto ao recreio. A parede onde se encontra o acesso ao recreio é preenchida, na sua totalidade, por janelas.

Na sala encontram-se vários armários fechados, onde os professores titulares colocam diversos materiais, estando estes trancados. Existem, também, diversos armários com materiais dos alunos em que estes têm acesso ilimitado. A sala tem um balcão na parede oposta às janelas, onde se encontram vários materiais de limpeza, materiais de apoio às atividades plásticas e um lavatório.



Figura 4 – Sala de aula

Existem dois quadros – um de giz e outro interativo – sendo o segundo utilizado apenas pelo professor da turma em questão para realizar vários exercícios interativos com as crianças. Assim, as duas turmas trabalham em sentidos opostos.

2.5. Caraterização da turma



Figura 5 – Organização dos alunos por sexo

O grupo é constituído por 26 crianças, de ambos os sexos, sendo que o número de elementos do sexo masculino é igual ao número de elementos do sexo feminino. As crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos.

De um modo geral, o nível económico-social predominante é médio-baixo e, na sua maioria, os alunos deslocam-se para a escola de automóvel ou a pé.

3. Enquadramento da área temática

Procurámos sustentar este estudo através de uma pesquisa teórica, com apoio de vários autores e obras que exploram questões relevantes para a nossa problemática.

Segundo Fróis, Gonçalves e Marques (2011) “o convívio com a arte é um dos modos mais eficazes para a formação da personalidade e para a integração do indivíduo nos valores superiores da humanidade” (p.10).

Assim, tentamos definir o conceito de arte, referimos como devemos, enquanto professores, explorar a arte, a importância da criatividade para o desenvolvimento das crianças, as capacidades e atitudes que se constroem através da expressão plástica e as obras e biografia de dois artistas plásticos portugueses.

3.1. Definição de arte

A definição de arte tem sido discutida desde sempre, tendo sido modificada de época para época, pois a diferença entre o que é e o que não é arte varia “consoante a moda e a ideologia” (Layton, 2001, p.13). Read (1982) também reflete sobre a dificuldade em definir o que é arte e apresenta outra razão.

(...) é um dos conceitos mais difíceis da história do pensamento humano. O facto de ser tão difícil justifica-se por ter sido sempre tratada como um conceito metafísico, quando se trata fundamentalmente de um fenómeno orgânico e mesurável. Como a respiração possui elementos rítmicos; como a fala, elementos expressivos (p.27).

Ao longo da evolução do ser humano podemos observar as modificações que a arte foi sofrendo, no entanto, a arte manteve-se presente em todos os momentos, seja nas pinturas em grutas ou nos quadros de Picasso, na música tribal ou na sinfonia de Beethoven, na imitação feita por uma criança ou numa peça teatral de *Romeu e Julieta*. Read (1982), refere que a arte é “parte do processo orgânico da evolução humana” e que sem esta “a civilização perde o seu equilíbrio e cai no caos espiritual e social” (p.27).

Atualmente a arte está presente em todos os momentos da nossa vida, não apenas através da poesia, da pintura ou da música mas também da construção de um edifício, da criação de um vestido e na montagem de um carro, porque criar arte é dar forma a algo, considerando que “a palavra «forma» significa algo como «configuração» (...) «significa realmente tomar forma» (Read, 1982, p.28 e 29). No entanto existem obras de arte que são consideradas

melhores do que outras, pois respondem a determinadas condições. Essas condições indicam o que é agradável e o que não é, são estas “condições que dão prazer” (Read, 1982, p.29)

De acordo com este autor (1982) quando uma obra de arte agrada, apresenta determinadas proporções matemáticas. Assim, “quando dizemos que estas coisas são «maravilhosas», estamos na verdade a admitir que determinadas proporções matemáticas dão origem em nós essa emoção que normalmente associamos às obras de arte” (p.32).

Contudo arte é mais do que obras matematicamente proporcionais, a arte é um modo de expressão. Através dela mostram-se emoções e sentimentos como a tristeza, a alegria, a raiva e o amor. Sentimentos e emoções difíceis de expressar por palavras que a arte mostra e exprime.

Segundo Parsons (1992) “a relevância das obras de arte reside precisamente na relação entre a arte e as emoções” (p.75). Esta relação permite a interpretação das obras, sendo que, cada pessoa interpreta a obra de diferentes modos. É a relação entre a arte e as emoções que “confere sentido à arte” (Parsons, 1992, p.75).

3.2. Ensinar arte

Antes de o artista se tornar artista tem de percorrer um caminho de aprendizagens, pois “o artista leva tempo a fazer-se, a «encontrar-se», ele parte da forma-de-ver já encontrada para a *sua*, que tem de conseguir, e isto nunca é um caminho fácil, nem rápido” (Almeida, 1980, p.61). Este caminho começa na escola, porque “o objectivo geral da educação é o encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a qua o individuo pertence” (Read, 1982, p.21).

Para Parsons (1992) existem cinco estádios de desenvolvimento artístico. O primeiro estágio, denominado *preferência*, consiste no gosto intuitivo das obras. É geralmente característico das crianças mais pequenas, que são atraídas pela cor. Por norma, as crianças não encontram defeitos nas obras, sendo que estas “constituem um estímulo para uma experiência agradável. (...) Gostar de um quadro é o mesmo que julgá-lo, e é difícil imaginar um quadro mau” (p.39).

O segundo estágio, *beleza e realismo*, centra-se no tema, se a obra representar algo é uma obra bonita. Este autor refere que para as crianças neste estágio “a emoção é um elemento

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

que deve ser representado, por exemplo, num sorriso ou num gesto; e o estilo só é apreciado do ponto de vista do realismo. Admiramos a habilidade, a paciência e o trabalho metódico” (p.39).

O terceiro estágio baseia-se na *expressividade*. A qualidade da obra depende do sentimento colocado, que “pode ser o do artista, o do observador, ou o de ambos. Em todo o caso, é sempre aquilo que é interiormente apreendido por um indivíduo” (p.40),

O quarto estágio, *estilo e forma*, trata-se da interpretação de uma obra feita por um grupo e não apenas por um indivíduo, pois “à medida que as comentam, vão considerando determinados aspectos mais relevantes que outros. Ajudam-se umas às outras a ver com maior acuidade” (p.41).

No último estágio, *autonomia*, o sujeito interpreta a obra de acordo com as suas vivências e a sua experiência, mas partindo dos juízos sociais. Os juízos feitos às obras “embora tenham origem na tradição, só podem ser confirmados ou corrigidos à luz do maior ou menor valor que lhe damos. Se nos servem, aceitamo-los; se não, devemos corrigi-los” (p.42).

De acordo com Parsons (1992) existem três concepções essenciais a ensinar aos alunos sobre a arte. A primeira é que “a arte não se limita a ser um conjunto de objectos bonitos, constituindo antes uma das formas de que dispomos para articular a nossa vida interior” (p.29). A vida interior consiste nas emoções e pensamentos momentâneos ou duradouros, a arte é um meio de libertar e expressar esses pensamentos e emoções.

A segunda concepção refere que “a arte exprime mais do que aquilo que um indivíduo tem em mente num determinado momento” (p.29). Ao analisar uma obra de arte a interpretação pode não ser o que o artista pretendeu transmitir, mostrando ao público várias camadas da vida e da personalidade do artista. Esta interpretação também é alterada pela sociedade e pela época.

A terceira refere “que os juízos sobre a arte podem ser objectivos” (p.30). Não é considerar as obras de arte certas ou erradas mas realizar algumas interpretações “mais ou menos racionais e os juízos de valor mais ou menos defensáveis” (p.30).

Do ponto de vista do ensino artístico, Read (1982) refere três tipos de atividades: a atividade de expressão pessoal, atividade de observação e atividade crítica.

A atividade de *expressão pessoal* – a necessidade inata que o indivíduo sente em comunicar às outras pessoas pensamentos, sentimentos e emoções.

A atividade de *observação* – o desejo que o indivíduo tem de registar as impressões sensíveis, de clarificar os seus conhecimentos conceptuais, de edificar a sua memória e construir objectos que o auxiliem nas suas atividades práticas.

A atividade *crítica* – a reacção do indivíduo aos modos de expressão que lhe são ou foram dirigidos e, de um modo geral, a resposta do indivíduo aos valores do mundo dos factos – a reacção qualitativa aos resultados quantitativos de A e B. (p. 253)

A postura do professor perante o ensino artístico tem vindo a modificar-se. De acordo com Almeida (1990) o professor antigo pretendia impor a visão do adulto, enquanto, que o “professor «encantado» pelo paraíso perdido da infância, (...) desvirtua o crescimento natural da forma de ver” (p.62). O professor deve estar informado sobre a evolução artística das crianças e ter instrução básica sobre a expressão plástica.

Para Read (1982) “o papel do professor deve ser o de um auxiliar, guia, inspirador, parteira psíquica” (p.253), cabendo ao professor orientar o aluno e mostrar o que é a arte, sem impor, pois a expressão pessoal não pode ser ensinada. Na defesa desta atividade artística espontânea e livre Gonçalves (1991), realça a necessidade de, por vezes, colocar questões sobre a obra, para a compreender: “ «Que é que vais pintar?», «Que é que pintaste?» ou «Que representa o teu desenho?» são interrogações (...) que em nada simplificam, antes complicam, a tarefa educativa” (p.10). Porque como se trata de uma obra espontânea o tema não é definido, o tema surge com a criação da obra, respondendo apenas à imaginação. A obra pode partir de “um pormenor plástico (uma cor, uma linha)” tornando-se um “pretexto para desenvolver uma pintura que acaba por narrar uma pequena história ou exprimir em imagem plástica um estado emocional de alegria, de tristeza, ou de serenidade” (p.12).

3.3. A criatividade

A criatividade é um conceito que apenas recentemente foi associado à ação humana e à arte, e tal como a definição de arte, a definição de criatividade tem sido modificada e definida de diversas formas, pois trata-se de um fenómeno complexo, com muitas facetas. Morais (2001) sugere que todos os dias se encontram novas definições de criatividade.

Segundo Vygotsky (1982) a criatividade é: “ (...) toda realização humana criadora de algo novo, quer se trate de reflexos de algum objeto do mundo exterior, quer de determinadas construções do cérebro ou do sentimento, que vivem e se manifestam apenas no próprio ser humano” (p. 7).

Contudo Maria Antónia Jardim (2010), define criatividade como “um modo especial de pensar, sentir e atuar; conduzindo a um produto original, funcional ou estético” (p. 68).

Existem várias definições de criatividade, porque ao explorar este conceito encontramos diferentes perspetivas, sendo que a criatividade pode ser interpretada como característica pessoal, como produto criativo ou como um processo específico.

Para Sternberg (2007) a criatividade enquanto característica pessoal permite e facilita a adaptação às mudanças constantes que a sociedade sofre. É esta característica que nos acompanha ao longo da vida possibilitando a resolução de problemas emocionais, relacionais e sociais (Prandi, Neves, Gouveia & Hoepfner, 2006).

A criatividade como produto criativo deve ser original para o autor ou importante para a sociedade, ou seja, o produto criativo é inovador e distingue-se do comum (Magalhães, 2003). Distinguir algo como criativo não depende apenas do produto, mas também do impacto que origina nas áreas do conhecimento e na sociedade. Ao considerar a criatividade como produto criativo, verificamos que a criatividade varia perante determinado indivíduo e as condições sociais que este se insere.

Relativamente à perspetiva da criatividade como processo específico, a criatividade provem do pensamento e de vários passos necessários à produção criativa.

Para o autor Read (1982) a criatividade parte de “um impulso distinto de fazer coisas, um instinto que não pode ser explicado por teorias de libido ou vontade de poder” (p.343 e 344).

Segundo Read (1982) o instinto de criar deve ser considerado no ensino, porém o “homem como criador é uma figura solitária” (p. 344), se a educação, apenas, se baseasse neste instinto levaria a “um novo e mais doloroso isolamento do homem” (Buber, 1926, citado por Read, 1982). No entanto, Patrício (2001) refere que “a própria ideia de criatividade já está presente na ideia de aprendizagem, pois aprender é criar. É criar conhecimento, é criar saber” (p.239).

De acordo com Gonçalves (1991) existem quatro conceitos-chave relativos à criatividade.

Todos os indivíduos são potencialmente criativos; os alunos que possuem maior capacidade para o trabalho académico não são necessariamente os mais criativos; os indivíduos muito criativos por vezes sofrem de problemas de desajustamento social, mas, quando se integram, são os mais participativos, os que mais contribuem para modificações profundas do comportamento humano, propondo novas formas de intervenção e relacionamento, novos modos de sentir, pensar e agir, sintetizados em projectos e objectos; a criatividade pode cultivar-se individualmente e em grupo, através de experiências que estimulem o pensamento divergente que, ao contrário do

pensamento convergente, em vez de uma única solução, aceita várias soluções possíveis, vários modos de resolver o mesmo problema. (p.23)

Esta criatividade apenas evolui com a experimentação. Relativamente à criatividade nas escolas Gonçalves (1991) refere que a “escola procura estimular no aluno a criatividade, o prazer da descoberta, o espírito crítico e a capacidade de intervir pelos seus próprios meios, consoante as situações que se lhe deparam” (p.13).

No entanto, ainda é possível encontrar escolas que se baseiam somente no pensamento convergente ou no pensamento divergente. O pensamento convergente consiste numa “actividade mental e manual (...) canalizada, encerrada em normas restritas, submetida a instruções rígidas, no sentido de uma solução única” (Gonçalves, 1991, p.24). Gonçalves (1991) refere ainda que o pensamento divergente leva à procura de diferentes respostas, fugindo à conformidade.

O pensamento divergente é aquele que, perante um problema, procura todas as soluções possíveis, sendo menos adstrito à conformidade da resposta do que à sua originalidade, tranquilo em face das questões amplas e mal definidas, capaz de apreender relações entre factos nunca anteriormente notados e de produzir formas novas, através de ensaios e erros, por «aproximação experimental». É o pensamento que caracteriza o espírito de aventura e de fantasia, o pensamento do artista, do sábio, do investigador, do pioneiro, do inovador. Digamos que o pensamento divergente é a própria tradução (...) do termo «criatividade».” (p.24)

Assim, é importante que a escola procure criar condições para o desenvolvimento dos dois tipos de pensamento.

Para uma pessoa ser considerada criativa é necessário ter determinados atributos, Gonçalves (1991) apresenta esses atributos. Uma pessoa criativa tem de ser: original, apresenta ideias próprias e soluções diferentes; persistente, apenas com a experimentação constante é que se encontram novas ideias e soluções; independente, confia em si e nas suas ideias; autoconfiante e responsável, conhece-se e responsabiliza-se pelas suas ações; intuitiva, reage espontaneamente baseando-se mais na sensibilidade do que na racionalidade; sensível e atenta, observa e interpreta o meio que a envolve; imaginativa, sendo este o atributo com maior relevância.

Para desenvolver estes atributos as crianças têm de ser expostas a atividades criativas. O objetivo destas atividades, e por consequente do professor, é “tornar estranho o que é familiar e tornar familiar o que é estranho” (Gonçalves, 1991, p.25).

Segundo Balancho e Coelho (1996) as atividades criativas promovem uma “motivação autónoma, geradora, ela própria, de criatividade” (p.40). Se o professor apresentar aos seus

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

alunos atividades criativas, que estimulem os interesses dos alunos, o aluno fica mais receptivo, pois a atividade irá permitir uma evolução na sua construção pessoal.

De acordo com Gonçalves (1991) uma atividade criativa implica a experimentação seguida de momentos reflexivos sobre o resultado. O autor refere que “quanto mais pessoal, inovadora e autêntica é a actividade do indivíduo, mais corre o risco de não ser entendida pelos outros” (p.25 e 26). A apresentação de ideias ou soluções diferentes das habituais, provoca receio na maioria das pessoas, receio do que desconhecem.

3.4. Desenvolvimento de competências através da expressão plástica

Através de atividades de expressão plástica, em que a criança pode realizar a sua obra livremente, isto é, sem restrições de tema, de técnicas ou de materiais, o aluno sente que a obra é apenas sua, tudo o que ela representa faz parte dele. Gonçalves (1991) refere a importância de responsabilizar a criança pela sua obra.

Quando a criança se exprime livremente, ninguém melhor do que ela pode responder pelo que faz, porque faz o que quer, e é, por conseguinte, a autora dos seus próprios actos, por aí desenvolvendo, além da auto-confiança, um elevado grau de responsabilidade. (p.12)

Apesar de ser importante a criança ter a capacidade de observar obras, interpretá-las e criar uma nova obra que une a obra inicial e a personalidade, vivências e conhecimentos da criança, a expressão livre permite desenvolver a responsabilidade, a capacidade de trabalhar em grupo, a autoestima e a capacidade de ouvir e respeitar as opiniões e ideias de outros. Ao trabalhar em grupo o aluno torna-se “um ser responsável, cooperante e interventivo no meio em que se insere” (Gonçalves, 1991, p.13).

Gonçalves (1991) refere, ainda, que a educação não deve transformar a criança “num ser obediente, passivo e submisso” (p.12), mas deve estimular “a vontade própria, o poder de iniciativa e a criatividade” (p.12).

O ME-DEB (2007) apresenta algumas competências que podem ser exploradas através da expressão plástica: “interagir com os outros sem perder a individualidade e a autenticidade”; “participar activamente no processo de produção artística”; “ter em conta a opinião dos outros, quando justificada, numa atitude de construção de consensos como forma de aprendizagem em comum”; “cumprir normas democraticamente estabelecidas para o

trabalho de grupo, gerir materiais e equipamentos colectivos, partilhar espaços de trabalho e ser capaz de avaliar esses procedimentos” (p.155).

Gonçalves (1991) confirma a importância da expressão plástica no desenvolvimento do aluno, através da seguinte citação.

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações (p.12).

Tedesco (1999) refere que “a mudança mais importante que as novas exigências trouxeram à educação, é a de ela incorporar, de forma sistemática, a tarefa da formação da personalidade” (p.116). Ensinar não se centra apenas no desenvolvimento cognitivo, mas também na construção da personalidade, atualmente a escola visa “a produção do Sujeito como Sujeito-Pessoa, também actor social, e construtor de si mesmo e da própria sociedade” (Fonseca, 1994, citado por Pinto 2001, p.188).

3.5. Obras e Biografia de Artistas Plásticos Portugueses

As atividades que irão ser apresentadas têm por base obras de dois artistas portugueses, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro. De seguida apresentamos os dois artistas plásticos e algumas das suas obras.

3.5.1. Joana Vasconcelos.

A artista Joana Vasconcelos nasceu no ano 1971, em Paris, França. Atualmente vive e trabalha em Lisboa. A autora expõe as suas obras desde 1990, sendo que a sua popularidade internacional aumentou em 2005, com a participação na 51^a Exposição Internacional de Arte – *la Biennale di Venezia*.



Figura 6 – Joana Vasconcelos

No plano de ação são referidas três obras da artista: *Big Booby*, exposta pela primeira vez em 2002, construída com croché em lã feito à mão, malha industrial, poliéster e aço inoxidável (figura 7); *Vitrail*, exposta em Haunch of Venison/Christie's, Londres em 2012, criada em lã e algodão (figura 8) *Luso Nike*, exposta

em 2006 na Coleção Veit Paas, Paris, construída com azulejos industriais, ténis Nike e ferro pintado (figura 9).



Figura 7 – Big Booby



Figura 9 – Luso Nike



Figura 8 – Vitrail

3.5.2. Rafael Bordallo Pinheiro.

Rafael Bordallo Pinheiro nasceu em Lisboa, a 20 de março 1846 e faleceu a janeiro de 1905, na mesma cidade. O artista trabalhou em diversos campos, foi desenhador e aquarelista, ilustrador de livros e publicações, decorador, caricaturista político e social, jornalista, ceramista e professor.

As obras escolhidas deste autor são as seguintes: Cesto de frutas (figura 11), figuras animais decorativas (figura 12) e pratos decorativos (figura 13). Todas as obras são de cerâmica.



Figura 10 – Rafael Bordallo Pinheiro



Figura 11 – Cestos de frutas



Figura 13 – Prato decorativo



Figura 12 – Andorinha

4. Descrição e avaliação das atividades realizadas

Neste ponto será apresentado e explicado a metodologia utilizada no estudo, bem como os participantes e a recolha de dados efetuada, o plano de ação, no qual apresentamos a teia do projeto, os recursos humanos e materiais, a avaliação e a calendarização. Apresentamos também a implementação do plano de ação, sendo feita uma descrição e análise crítica das atividades e a avaliação de todo o processo.

4.1. Metodologia

A escola pretende, entre outros objetivos, que os alunos se tornem adultos capazes de se expressarem através da oralidade ou da escrita, mas a arte é, também, um modo de expressão pois “a arte é uma linguagem” (Almeida, 1980, p.61).

O estudo que apresentamos pretende conceder ferramentas aos alunos de uma turma do primeiro ano de escolaridade, para desenvolver capacidades e conhecimentos relativos à expressão plástica, onde procurámos explorar várias obras de dois artistas portugueses e diferentes técnicas de pintura, desenho e modelagem.

Partindo deste objetivo decidimos iniciar uma investigação qualitativa e interpretativa porque trata-se de uma investigação em que “a realidade não será objetiva nem apenas uma única, admitindo-se a sua apreensão subjetiva e tantas interpretações da realidade quantas os indivíduos que a consideraram” (Sousa, 2009, p.31).

Bogdan e Biklen (1991), citados por Sousa consideram três características da investigação qualitativa.

- 1- A fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador (com o seu pesar e a sua objetividade) o instrumento principal;
- 2- Interessa mais a descrição e a compreensão dos fenómenos do que a sua natureza;
- 3- O significado e o sentido é mais relevante do que os resultados em si. (2009, p.31)

Assim, aplicámos esta investigação numa turma em que assumimos o papel de investigador e por consequente fonte de dados, que foram transformados em narrativas reflexivas. É através das narrativas que respondemos à segunda característica. Durante a implementação das tarefas procurámos analisar os resultados de modo a compreender o seu significado.

Começamos a investigação por um período de observação, para que pudéssemos conhecer os alunos e as características gerais da turma. Como indica Sousa (2009) a “observação em educação destina-se essencialmente a pesquisar problemas” (p.109), assim durante o período inicial procurámos identificar uma problemática.

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

Sousa (2009) escreve, também, que “o problema define o objectivo da investigação, desenrolando-se toda a investigação com o propósito de descobrir a resposta para essa pergunta” (p.43). Deste modo, as questões que surgiram, partindo da observação participada inicial foram as seguintes:

- a) Como estimular a criatividade dos alunos?
- b) Como incentivar os alunos para as artes plásticas?
- c) Como desenvolver nas crianças capacidades de interação com os outros?
- d) Que atividades podemos apresentar aos alunos e seus familiares, para que as crianças possam criar novas obras no ambiente familiar?

Assim hipótese que colocamos é a seguinte:

Será possível desenvolver a criatividade em alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, ao explorar a cultura artística?

4.1.1. Desenho da investigação

Após a identificação da problemática realizámos um inquérito por questionário aos alunos para compreender as limitações e os conhecimentos referentes à expressão plástica.

De seguida foram delineadas seis atividades, organizadas em cinco sessões, sendo que foram realizadas duas ou mais atividades na mesma sessão. Assim, na primeira sessão foram apresentadas as duas primeiras atividades, na segunda sessão foram realizadas a terceira e a quarta atividades, na terceira e quarta sessão foram trabalhadas a quinta e sexta atividades, na quinta sessão foram realizadas quase todas as atividades delineadas, sendo que estas foram selecionadas pelos alunos. Por fim, foi organizada uma exposição das obras produzidas pelos alunos, para os pais, professores e os alunos da escola.

De modo a desenvolver o trabalho individual, a pares e em grupo, as capacidades de cooperação, de partilha e autonomia e principalmente a criatividade existiram vários aspetos que foram sendo alterados: a organização da sala e dos alunos, a distribuição das atividades pelos alunos e a quantidade de materiais atribuídos aos grupos, sendo que existiu sempre um limite mínimo, de modo a que todos os alunos tivessem o material necessário à realização das atividades.

A avaliação foi feita através da observação durante as atividades, das obras criadas pelos alunos e de uma breve conversa com os mesmos na última sessão.

4.1.2. Participantes.

O estudo aqui presente contou com a participação de uma turma de primeiro ano de uma escola de Loures, a E.B.1/J.I. de Loures. A turma era composta por 26 alunos, 13 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, sendo que todos os alunos participaram na investigação.

Durante as sessões também estiveram o investigador, o professor titular de turma e uma colega de estágio.

4.1.3. Recolha de dados.

Segundo Balancho e Coelho consideram que a investigação-ação tem dois grandes objetivos, que apenas são atingidos através de diversos métodos de recolha de dados.

A investigação/acção caracteriza-se por uma dupla finalidade: responder aos problemas práticos e produzir conhecimentos. Sendo uma metodologia de processo, implica a utilização de multimétodos de observação e recolha de dados e um carácter evolutivo de contínuo vai-vem de aprofundamento, reexplicação e renegociação, à medida que a acção progride. (1996, p.55)

Assim utilizámos os seguintes métodos de recolha de dados: observação participante, inquérito por questionário aos alunos, diário de bordo e o registo fotográfico.

Observação participante.

De acordo com Ghiglione e Benjamin (1997):

A observação pode ser definida como um olhar sobre uma situação sem esta seja modificada, olhar cuja intencionalidade é de natureza muito geral, actuando ao nível da escolha da situação e não ao nível do que deve ser observado na situação, e que tem por objetivo a recolha de dados sobre a mesma. (p.7)

Observámos a turma em sala de aula, conhecendo os alunos, os seus conhecimentos e as suas fragilidades, no entanto estivemos em constante contacto com os alunos. Assim, nesta investigação realizámos uma observação participante, isto é, enquanto investigadores tivemos uma posição ativa durante a investigação. A observação participante é uma “tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles” (Mann, 1970, citado por Sousa, 2009, p. 113).

Inquérito por questionário aos alunos.

De modo a conhecer os conhecimentos e hábitos dos alunos relativamente à Expressão Plástica realizámos um inquérito. Segundo Ghiglione e Benjamin (1997) “o inquérito pode ser definido como uma interrogação particular” (p.7), assim o inquérito baseia-se “em

formular uma série de perguntas diretamente aos sujeitos, utilizando como instrumentos entrevistas, questionários ou testes” (Sousa, 2009, p.153), para esta investigação utilizámos o questionário.

O questionário (apêndice A) apresentado consiste em 18 questões de escolha múltipla sendo que os alunos, em algumas questões, tiveram de escolher três opções.

Diário de bordo.

Antes, durante e após cada sessão do plano de ação refletimos sobre as atividades, o registo desta reflexão foi feito no diário de bordo (apêndices C, E, G, I, K). É no diário de bordo que se faz “uma avaliação, com a finalidade de verificar se a evolução das acções está a suceder em conformidade com o previsto ou se há necessidade de se efectuarem ajustes ou correcções” (Sousa, 2009, p.105).

Registo fotográfico.

Para observar, verificar e refletir sobre as atividades e os resultados (obras dos alunos) em qualquer momento sem a interferência, interpretação ou erro humano, utilizámos o registo fotográfico.

Fotografámos não só as obras dos alunos, mas também alguns momentos de criação destas. Apesar de não existir acesso a todo o processo criativo, que apenas seria possível se houvesse filmagens das sessões por completo, as fotografias relatam as sessões.

4.2. Apresentação e justificação do plano de ação

De seguida apresentamos a teia do projeto, os recursos utilizados, o cronograma do estudo e a tipologia de avaliação .

4.2.1. Teia.

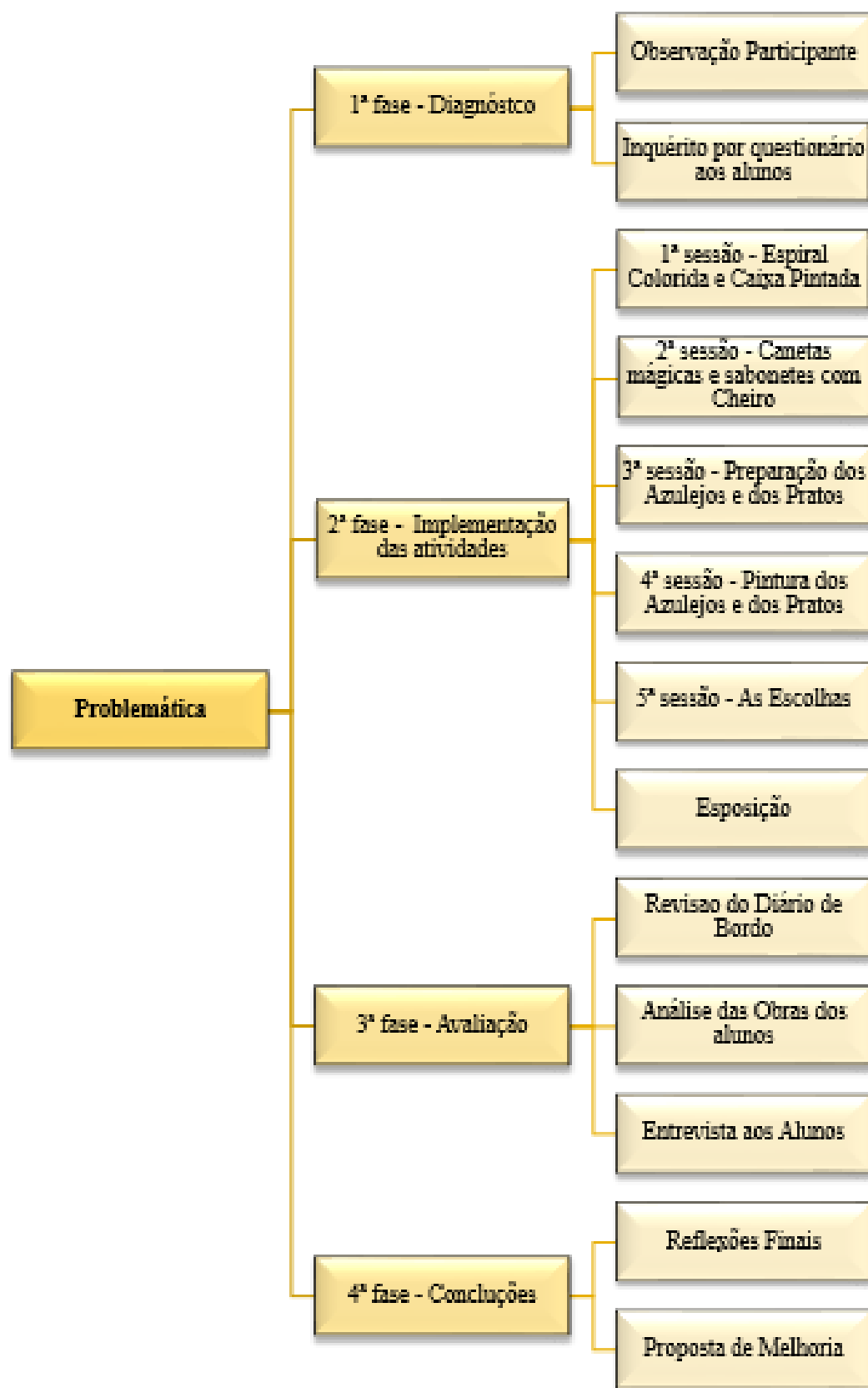


Figura 14 – Teia

4.2.2. Recursos.

Relativamente a este ponto foram utilizados recursos humanos e materiais que permitiram a realização do estudo.

Os recursos humanos que participaram neste estudo foram a investigadora e 26 alunos, sob a supervisão do professor titular de turma, com apoio de uma colega estagiária. Os recursos materiais utilizados variaram ao longo das sessões, em função das especificidades de cada atividades e técnica utilizada. Contudo, alguns materiais permanentes foram empregues em todas as sessões: computador, quadro interativo, imagens dos artistas e de algumas das suas obras.

4.2.3. Avaliação.

De modo a avaliar todo o processo do plano de ação foram recolhidos dados através de um inquérito aos alunos (Apêndice A), da observação ao longo das sessões, com registos em narrativa reflexiva nos diários de bordo (Apêndices C, E, G, I, K) e de algumas questões colocadas aos alunos no final da quinta sessão.

Assim, foi possível cruzar todos os dados de modo a avaliar objetivamente o plano de ação.

4.2.4. Calendarização/cronograma.

		Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Fases do estudo	Conceção	Definição da problemática								
		Pesquisa teórica								
		Entrega do pré-projeto								
	Execução	Revisão bibliográfica								
		Definição das tarefas								
		Implementação das tarefas								
		Análise das tarefas								
	Conclusão	Avaliação dos resultados								
		Reflexões finais								
		Revisão do relatório final								
		Entrega do Relatório final								

Quadro 4 – Cronograma

4.3. Implementação do plano de ação

Para a implementação do plano de ação foram realizadas cinco sessões de atividades e a exposição das obras produzidas pelos alunos.

4.3.1. Atividades desenvolvidas e análise crítica.

1ª sessão – espiral colorida e caixa pintada.

Obras trabalhadas.



Figura 15 - Obra de Rafael Bordallo Pinheiro



Figura 16 - Obra de Joana Vasconcelos

Objetivos.

- Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: plasticina;
- Modelar usando apenas as mãos;
- Fazer construções;
- Explorar as possibilidades técnicas de pinces.

Duração.

- 30 minutos

Recursos.

- Computador;
- Imagens dos autores e das obras;
- Plasticina;
- Caixas de madeira;
- Pincéis;
- Tintas acrílicas;
- Copos de plástico;
- Jornais.

Descrição da sessão.

Começou-se a sessão pela apresentação aos alunos, em suporte digital, dos dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e uma obra realizada por cada escultor. Ao apresentar os escultores, referiu-se os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Na apresentação das obras referiram-se alguns dos materiais que foram utilizados. De seguida explicou-se aos alunos o que necessitavam para reproduzir as obras e indicaram-se algumas informações necessárias para a construção das obras. Após a explicação das tarefas informámos a turma que esta iria ser dividida em duas partes e metade da turma reproduziu a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Distribuíram-se os materiais e os alunos começaram a construir as suas obras, com liberdade para as produzir do modo que quisessem.

Espiral Colorida (Joana Vasconcelos): Os alunos usaram as plasticinas de diferentes cores para criar vários cilindros. Os alunos criaram uma espiral com os cilindros de plasticina.

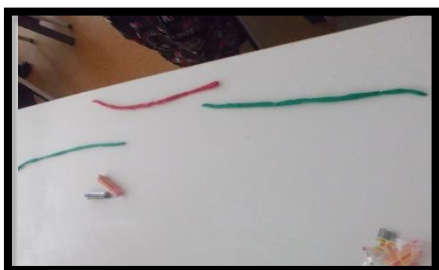


Figura 17 – Processo de criação

(Espiral colorida)

Caixa Pintada (Rafael Bordallo Pinheiro): Os alunos pintaram as caixas com a tinta acrílica do modo que desejaram.



Figura 19 – Processo de criação

(Caixa pintada)



Figura 18 – Processo de criação

(Espiral colorida)



Figura 20 – Processo de criação

(Caixa pintada)

Resultados da sessão.

Figura 21 – Resultados da 1ª sessão

Na atividade Espiral Colorida os alunos diversos procedimentos que levaram a diferentes resultados. Na figura 21 é possível observar que o diâmetro dos cilindros varia consoante a obra, assim como as cores utilizadas e a sequência dos cilindros de plasticina. Na maioria dos casos os alunos começaram a espiral pelo centro, mas observámos que algumas obras foram iniciadas pelo exterior, o que fez com que o interior da espiral não fosse preenchido.

Na atividade Caixa Colorida os alunos pintaram as caixas utilizando as cores e os padrões que desejaram. Alguns alunos pintaram apenas o exterior das caixas, não abrindo a caixa. No entanto a maioria dos alunos pintou todas as superfícies da caixa, incluindo o seu interior.

Análise crítica da sessão.

Os alunos mostraram-se muito interessados e motivados em relação à atividade, desde a apresentação da área curricular, expressão plástica. O gosto, pelo tema, que os alunos mostraram ajudou no decorrer da sessão, pois todos os alunos quiseram realizar as atividades e aceitaram a distribuição destas.

Os alunos que realizaram a atividade com a plasticina organizaram-se de modos diferentes, como a turma estava sentada a pares, alguns alunos construíram a espiral a pares e outros individualmente. A atividade das caixas de madeira foi realizada individualmente, mas os

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

alunos, também distribuídos a pares, tiveram de partilhar as tintas e os pinceis. Em ambas as atividades os alunos respeitaram o espaço do colega e partilharam os materiais sem conflitos.

Inicialmente tivemos de insistir com os alunos para recriarem a obra do modo que achassem melhor, pois a maioria dos alunos perguntou como deveria fazer.

Esta atividade permitiu aos alunos que manipulassem novos materiais e técnicas, que desenvolvessem a capacidade de trabalhar com um parceiro e de partilha.

2ª sessão –canetas mágicas e sabonetes com cheiro.

Obras trabalhadas.



Figura 22 - Obra de Rafael Bordallo Pinheiro



Figura 23 - Obra de Joana Vasconcelos

Objetivos.

- Esculpir em barras de sabão;
- Pintar livremente em suportes neutros.

Duração.

- 45 minutos

Recursos.

- Computador;
- Imagens dos autores e das obras;
- Acetatos;
- Canetas para acetatos;
- Sabonetes;
- Pinceis;
- Jornais.

Descrição da sessão.

A sessão começou pela revisão aos alunos, em suporte digital, dos dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e a apresentação de outras duas obras realizadas pelos escultores. Ao referenciar os escultores, lembraram-se os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Na apresentação das obras referiram-se alguns dos materiais que foram utilizados. De seguida explicámos aos alunos o que necessitavam para reproduzir as obras e indicou-se algumas informações necessárias para a construção das

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

obras. Após a explicação das tarefas informámos que a turma iria ser dividida em duas partes, metade da turma reproduziu a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Os alunos foram organizados em grupos de quatro. Distribuiu-se os materiais e os alunos começaram a construir as suas obras, com liberdade para as produzir do modo que quisessem.

Canetas Mágicas (Joana Vasconcelos): Os alunos desenharam e pintaram o que desejaram nas folhas (A5) de acetato, tendo cuidado para não pintar nas mesas.



Figura 24 – Processo de criação
(Canetas mágicas)



Figura 25 – Processo de criação
(Canetas mágicas)

Sabonetes com Cheiro (Rafael Bordallo Pinheiro): Os alunos esculpiram livremente os sabonetes com os pinceis.

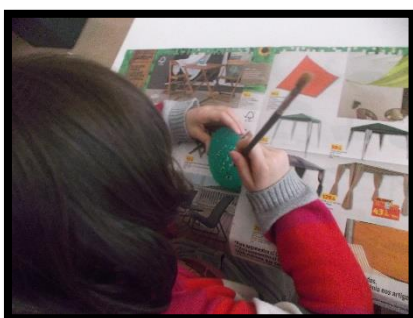


Figura 26 – Processo de criação
(Sabonetes com cheiro)



Figura 27 – Processo de criação
(Sabonetes com cheiro)

Resultados da sessão.

Figura 28 – Resultados da 2ª sessão

Os alunos que fizeram a atividade das Canetas Mágicas podiam desenhar o que quisessem utilizando as canetas disponíveis (partilhadas por 13 alunos). Como mostra a figura 28 existem vários desenhos de casas e jardins, nenhum dos desenhos se assemelha ao vitral apresentado do início da sessão.

Na segunda atividade os alunos apresentaram mais dificuldades. Um aluno não quis fazer a atividade por causa dos cheiros, enquanto outros esculpiram o sabonete sem nenhum plano inicial, mas um aluno pediu para repetir a atividade, porque gostou de a fazer.

Análise crítica da sessão.

Os alunos que realizaram a atividade das Canetas Mágicas não mostraram dificuldades e estiveram interessados durante toda a atividade. O grupo que participou nesta atividade no início teve dificuldade em esperar pela caneta de acetato que desejavam mas com o decorrer da sessão os alunos não criaram mais obstáculos à partilha das canetas.

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

As opiniões sobre a atividades dos sabonetes divergiram muito, pois houve alunos que gostaram muito da atividade, aluno que tiveram dificuldade em esculpir mas esforçaram-se para terminar a tarefa e um aluno que recusou-se a fazer a atividade. Alguns alunos com maior facilidade na execução da atividade, ao terminarem a sua obra, ajudaram os colegas com dificuldades.

Nesta sessão foi possível explorar a capacidade de partilha dos materiais, o respeito pelos colegas e pelas obras destes e a autonomia pois as obras são responsabilidade apenas do seu autor. Através da segunda atividade observamos as limitações de criatividade nos alunos e a incapacidade de planeamento.

*3ª sessão –preparação dos azulejos e dos pratos.**Obras trabalhadas.*

Figura 29 - Obra de Rafael Bordallo Pinheiro



Figura 30 - Obra de Joana Vasconcelos

Objetivos.

- Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: pasta de moldar;
- Modelar usando apenas as mãos;
- Desenhar sobre num suporte previamente preparado.

Duração.

- 45 minutos

Recursos.

- Computador;
- Imagens dos autores e das obras;
- Folhas de papel;
- Material de desenho;
- Lápis de cor;
- Pasta de moldar;
- Jornais.

Descrição da sessão.

Nesta sessão realizou-se novamente a apresentação, em suporte digital, dos dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e de outras duas obras realizadas pelos escultores. Ao referenciar os escultores, lembrámos os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Na apresentação das obras referiu-se alguns dos materiais que foram utilizados. De seguida explicou-se aos alunos o que necessitavam para reproduzir as obras e indicou-se algumas informações necessárias para a construção das

obras. Após a explicação das tarefas informámos que a turma iria ser dividida em duas partes, metade da turma reproduziu a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Os alunos foram organizados em dois grupos de quatro e um grupo de cinco para trabalhar com os azulejos, e trabalharam a pasta de moldar individualmente. Distribuiu-se os materiais e os alunos começaram a construir as suas obras, com liberdade para as produzir do modo que quisessem.

Preparação dos azulejos (Joana Vasconcelos): Os alunos desenharam em folhas brancas o desenho que queriam colocar nos azulejos. Cada aluno tinha um azulejo mas trabalharam em grupos de 4 ou de 5. Na folha indicaram as cores que necessitavam para pintar nos azulejos.

Preparação dos pratos (Rafael Bordallo Pinheiro): Os alunos moldaram a pasta de moldar, de forma a criar um prato.

Resultados da sessão.

Os alunos responsáveis pelos azulejos estavam organizados em três grupos, dois grupos com quatro alunos e um grupo com cinco alunos, 13 alunos no total. Os grupos decidiram fazer o seu desenho de diferentes modos, o primeiro grupo decidiu utilizar a folha toda (correspondente a quatro azulejos) para criar uma coroa; o segundo grupo, composto por cinco alunos, decidiu representar o mar na folha (correspondente a cinco azulejos); o terceiro grupo dividiu a folha em quatro partes, isto é cada aluno do grupo ficou responsável pelo desenho de um azulejo. O desenho deste grupo consistiu em quatro desenhos organizados em grupo.

Os alunos que construíram os pratos de pasta de moldar tinham diferentes visões. Alguns alunos fizeram apenas um disco sem relevo, outros não só fizeram a borda do prato como criaram alguns relevos no centro. Os relevos surgiram da imagem apresentada no início da sessão, pois os pratos apresentados eram adormentados.

Análise crítica da sessão.

Esta sessão correu de acordo com o esperado relativamente à construção dos pratos, a maioria os alunos não teve dificuldade em construí-los, mas no planeamento dos desenhos para os azulejos. Um dos grupos não conseguiu trabalhar em conjunto, pois escolheram fazer desenhos sem correlação, apesar não ter havido discussões neste nem nos outros grupos.

Com a atividade dos azulejos os alunos trabalharam a capacidade de trabalhar em grupo, de criar um plano e trabalho e prever o resultado.

*4ª sessão –pintura dos azulejos e dos pratos.**Obras trabalhadas.*

Figura 31 - Obra de Rafael Bordallo Pinheiro



Figura 32 - Obra de Joana Vasconcelos

Objetivos.

- Pintar livremente em suportes neutros;
- Pintar livremente em grupo;
- Desenhar sobre num suporte previamente preparado

Duração.

- 45 minutos

Recursos.

- Computador;
- Imagens dos autores e das obras;
- Planos dos desenhos para os azulejos (realizados pelos alunos);
- Tinta acrílica;
- Pinceis;
- Pratos de pasta de moldar (realizados pelos alunos);
- Jornais.

Descrição da sessão.

Esta sessão trata-se da continuação da sessão anterior, pois as atividades foram divididas em duas partes. Realizámos novamente a apresentação, em suporte digital, dos dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e de outras duas obras realizadas pelos escultores. Ao referenciar os escultores, questionámos os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. De seguida explicámos aos alunos o que necessitavam para continuar as obras e indicou-se algumas informações necessárias para a construção das

obras. Os alunos foram organizados de acordo com os grupos formados na sessão anterior, dois grupos de quatro e um grupo de cinco para trabalhar com os azulejos, e pintaram a pasta de moldar individualmente. Distribuíram-se os materiais e os alunos começaram a construir as suas obras, com liberdade para as produzir do modo que quisessem.

Pintura dos Azulejos (Joana Vasconcelos): Os grupos de alunos desenharam e pintaram nos azulejos os desenhos feitos em folha de papel, realizados no dia anterior. Os alunos foram informados para terem o cuidado de não sobrepor as tintas enquanto não secarem.

Pintura dos Pratos (Rafael Bordallo Pinheiro): Os alunos, individualmente, pintaram e decoraram os pratos realizados no dia anterior, ao seu gosto.

resultados da sessão.

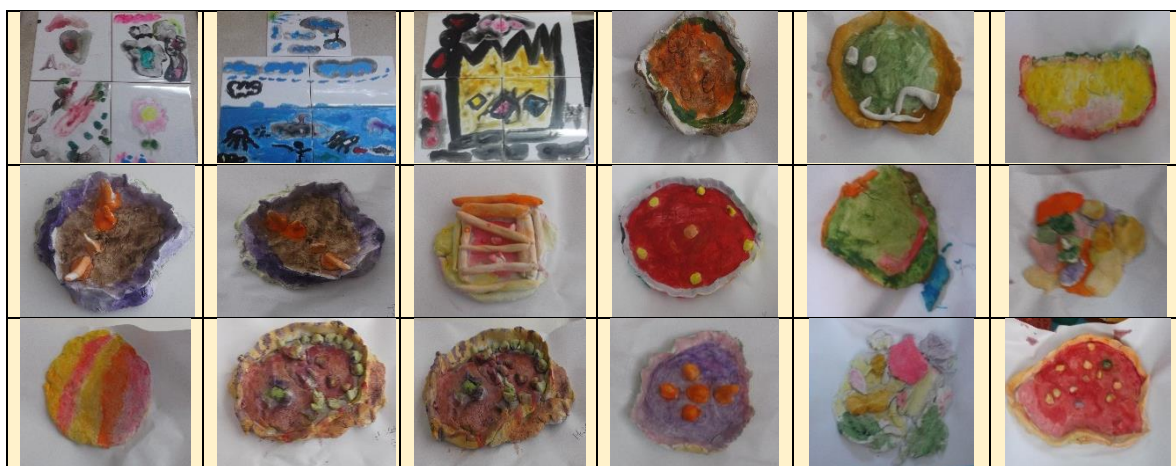


Figura 33 – Resultados da 4ª sessão

Os três grupos que desenharam e pintaram os azulejos conseguiram reproduzir, de modo quase idêntico, os desenhos que tinham planeado na sessão anterior. Dois dos grupos decidiram distribuir as figuras presentes nos desenhos por todos os alunos, o outro grupo preferiu fazer um trabalho individual, cada aluno ficou encarregue de desenhar e pintar um azulejo.

Relativamente aos pratos de pasta de moldar, os alunos pintaram-nos com tinta acrílica com diversas cores. Todos os alunos escolheram pintar os pratos com mais de duas cores, sendo que alguns usaram todas as cores disponíveis. Com o decorrer da sessão os alunos começaram a partilhar as tintas, para que pudessem usar todas as cores disponíveis na sala.

Análise crítica da sessão.

Nenhum dos alunos da turma tinha trabalhado com estes dois materiais, azulejos e pasta de moldar, contudo não mostraram dificuldades, nem no manuseamento, nem na pintura dos materiais.

Um dos objetivos, relativos às capacidades, da atividade de Preparação e Pintura dos Azulejos era que os alunos desenvolvessem o trabalho em grupo, no entanto um dos grupos não foi capaz de se organizar e unir o seu trabalho. Nos dois outros grupos ocorreu o oposto, os alunos conversaram, discutiram e em grupo utilizaram as virtudes individuais para criar uma obra em grupo.

Quando entregámos aos alunos os pratos em pasta de moldar que criaram no dia anterior, alguns pratos estavam ainda húmidos, o que dificultou a pintura dos mesmos. As vinte e quatro horas que estiveram a secar não foram suficientes, talvez devido ao ambiente da sala de aula. Apesar desta situação, os alunos conseguiram pintar os pratos, mas depararam-se com um outro obstáculo, as cores ficaram alteradas ao tocar na pasta de moldar. Mas os alunos desenvolveram a capacidade de trabalhar e de respeitar os colegas e a ordem de espera por determinada cor e respetivo pincel.

*5ª sessão –as escolhas.**Objetivos.*

- Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: plasticina e pasta de moldar
- Modelar usando apenas as mãos;
- Esculpir em barras de sabão;
- Fazer construções;
- Pintar livremente em suportes neutros;
- Pintar livremente em grupo;
- Explorar as possibilidades técnicas de pinceis
- Desenhar sobre num suporte previamente preparado.

Duração.

- 45 minutos

Recursos.

- Computador;
- Imagens dos autores e das obras;
- Tinta acrílica;
- Pinceis;
- Sabonetes;
- Azulejos;
- Acetatos;
- Canetas de acetato;
- Plasticina;
- Pasta de moldar;
- Jornais.

Descrição da sessão.

Apresentámos pela última vez, aos alunos, em suporte digital, os dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e todas obras trabalhadas anteriormente. Ao apresentar os escultores, pedimos aos alunos que dissessem os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Ao referir as obras pedimos aos alunos que dissessem-se alguns dos materiais que foram utilizados.

Relembrámos aos alunos o que deviam utilizar para reproduzir as obras. Recordámos quais foram as obras que eles tinham escolhido e distribuiu-se os materiais. Os alunos construíram as suas obras.

Resultados da sessão.

Os resultados desta sessão foram idênticos aos das sessões anteriores. As escolhas dos alunos estão representadas no quadro que se segue.

Pintura de Azulejos	Espiral Colorida	Sabonetes com Cheiro	Preparação dos Pratos	Canetas Mágicas
2	2	4	7	11

Quadro 4 – Escolhas dos alunos

Análise crítica da sessão.

Esta sessão não estava planeada inicialmente, mas com o decorrer das atividades foi óbvio que era necessário dar a oportunidade aos alunos de experimentarem as atividades a que não tiveram acesso ou de repetirem uma atividade, porque acharam que podiam melhorar ou simplesmente porque gostaram muito de a realizar.

Apesar de não trazer nada de novo, através desta ultima sessão foi possível observar a evolução dos alunos.

Os alunos foram organizados de acordo com a atividade que escolheram, permitindo a partilha de materiais e o trabalho em grupo. Apesar de existirem várias atividades diferentes e cinco grupos de trabalho, os alunos estiveram mais concentrados na sua obra tendo mais cuidado com o sentido estético. Os alunos foram mais rápidos na produção das obras, pois já conheciam os materiais e o processo de criação, o que permitiu uma pequena reflexão conjunta no final da sessão, sobre o conjunto das atividades.

Exposição***Objetivos.***

- Explorar e tirar

Duração.

- Três horas (das nove horas às 12 horas)

Recursos.

- Computador portátil;
- Fotografias dos alunos durante as atividades;
- Imagens dos autores e das obras impressas em papel;
- Obras criadas pelos alunos;
- Tinta acrílica;
- Pinceis;
- Copos de plástico.

Descrição da exposição.

A exposição das obras dos alunos foi realizada no dia dois de junho, durante os festejos do dia da criança (1 de junho) organizados pela escola. A exposição foi organizada na sala de aula da turma em questão e este disponível a todos que visitaram a escola nesse dia, durante a manhã. A exposição começou com a visita da turma que realizou as obras e dos seus familiares. Foram os alunos que mostraram aos familiares as suas obras, como foram realizadas, assim como apresentaram os artistas e as obras trabalhadas.

Para dar a oportunidade a todas as turmas da escola de experimentarem uma atividade, preparamos na sala um espaço com diversos azulejos e tintas acrílicas para que alunos e familiares criassem uma obra.

Imagens da exposição.

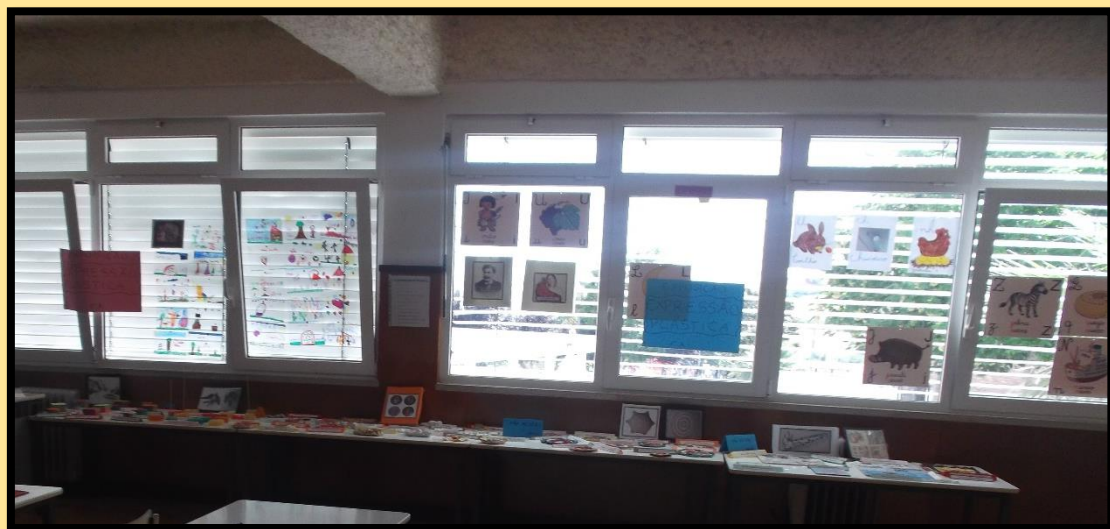


Figura 34 – Exposição



Figura 35 – Exposição
(Pintar azulejos)

Análise crítica da exposição.

A exposição correu melhor que o esperado. Os alunos da turma apresentada deste relatório, conseguiram apresentar com sucesso todos os aspetos da exposição, deixando os familiares impressionados.

Em todas as turmas que visitaram a exposição houve um grande número de alunos que quis realizar a atividade que apresentámos, pedindo a familiares que os ajudassem.

Durante a visita de uma turma, uma mãe pediu para lhe explicarmos o que era necessário para realização da atividade pois a filha queria repetir a atividade.

4.4. Avaliação do plano de ação

Neste ponto avaliamos o plano de ação aplicado na turma de 1º ano, através da análise e triangulação dos dados. Assim considerámos os resultados do questionário por inquérito realizado no início da investigação, as tarefas realizadas pelos alunos e os diários reflexivos efetuados pela investigadora.

4.4.1. Questionário.

Resultados.

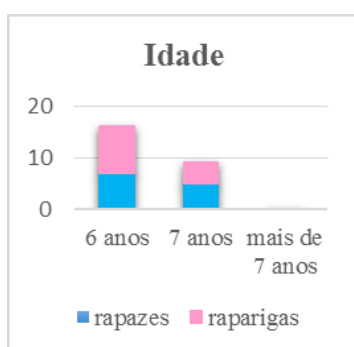


Figura 36 – Idade

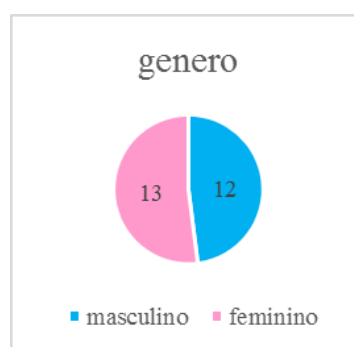


Figura 37 – Género

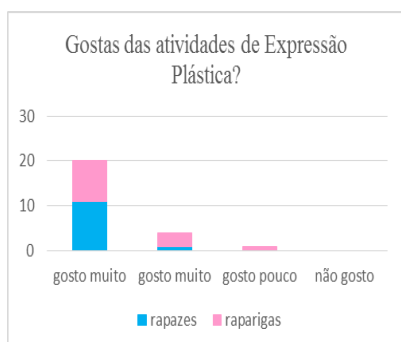


Figura 38 – Gostas das atividades?

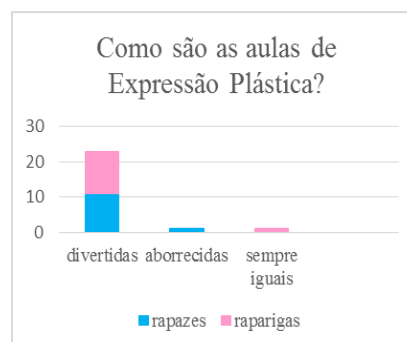


Figura 39 – Como são as aulas?



Figura 40 – Materiais utilizados

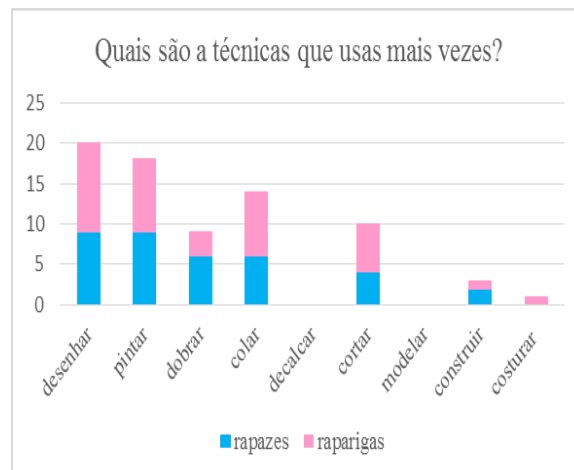


Figura 41 – Técnicas

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

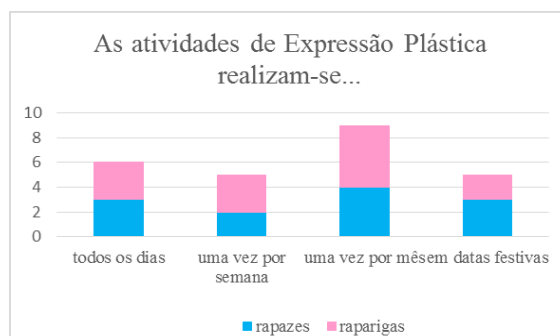


Figura 42 – Frequência das atividades

Costumas realizar as atividades de Expressão Plástica quando fazes trabalhos nas áreas de Português, Matemática Estudo do Meio?

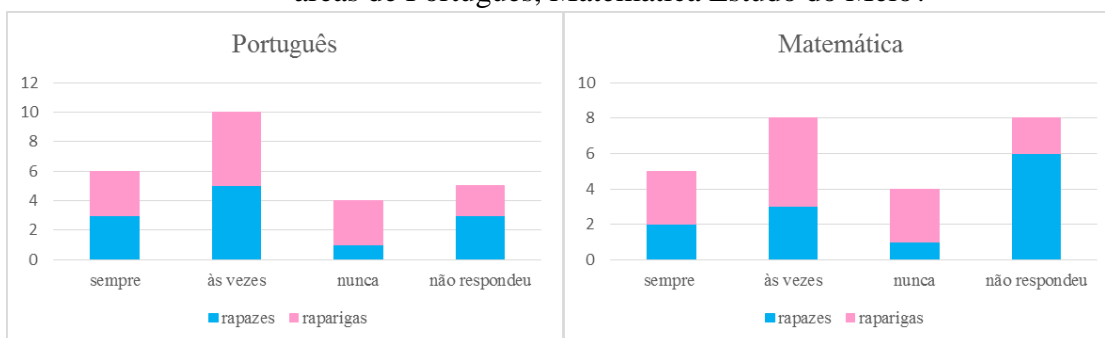


Figura 43 – Atividades com Português

Figura 44 – Atividades com Matemática

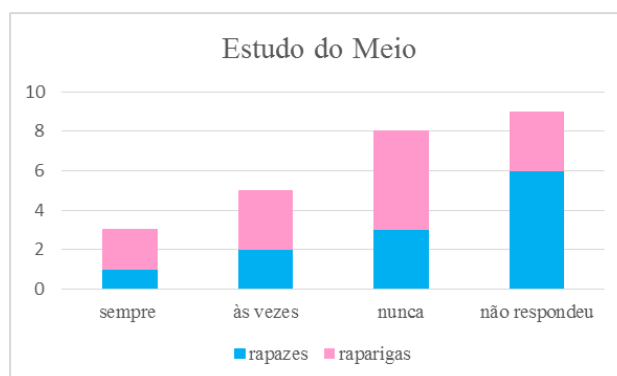


Figura 45 – Atividades com Estudo do Meio

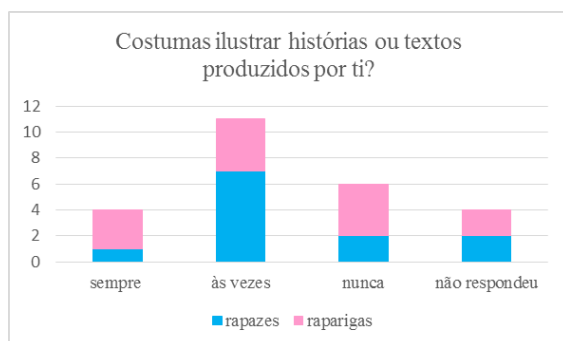


Figura 46 – Ilustrações de textos

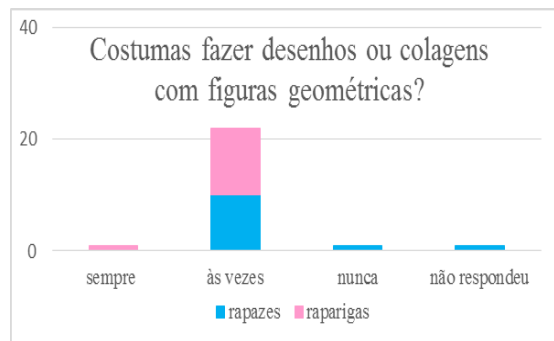


Figura 47 – Figuras geométricas

Desenvolvimento da criatividade através da Expressão Plástica

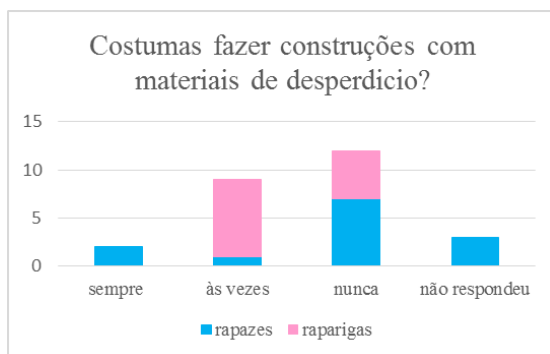


Figura 48 – Materiais de desperdício



Figura 49 – Reprodução de quadros

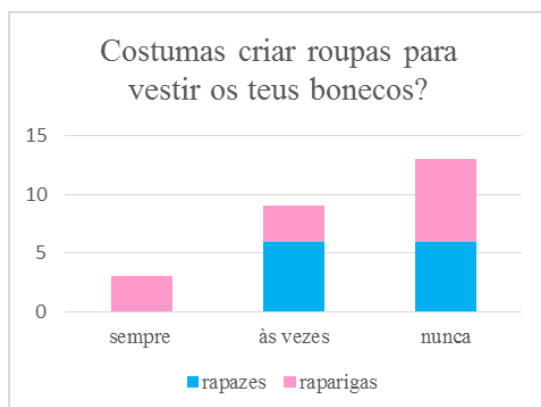


Figura 50 – Vestuário

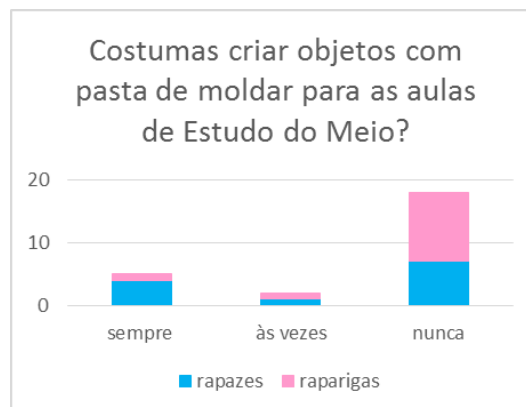


Figura 51 – Objetos em pasta de moldar

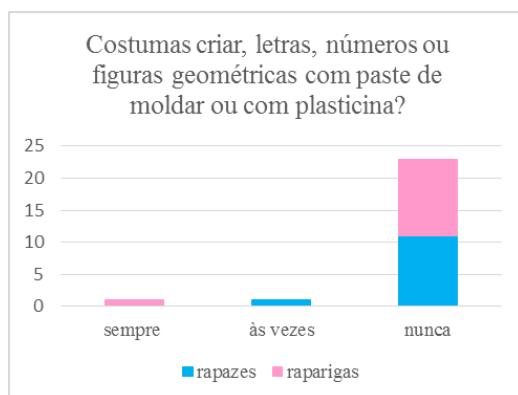


Figura 52 – Figuras em plasticina

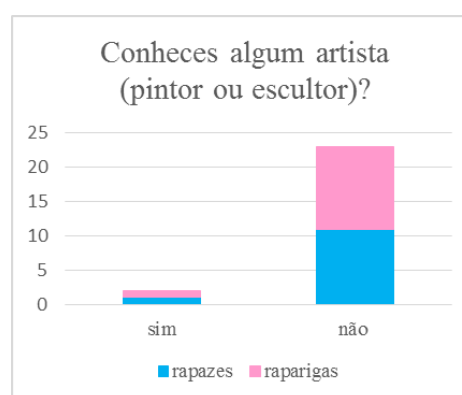


Figura 53 – Artistas

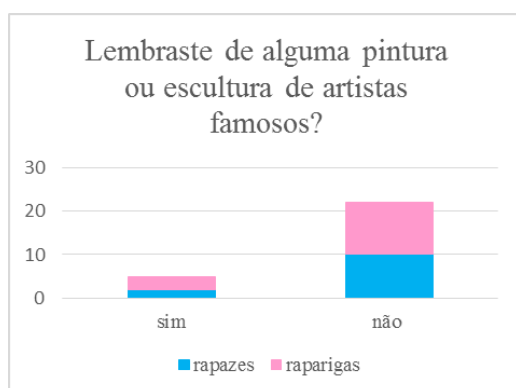


Figura 54 – Obras

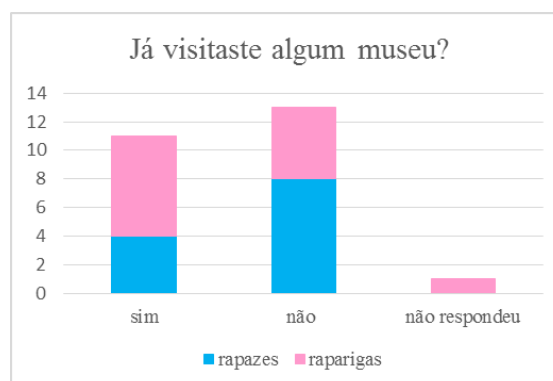


Figura 55 – Museus

Análise dos resultados.

Durante a aplicação do questionário foi possível observar que os alunos procuravam a resposta certa, questionando-nos se a resposta que escolheu era a correta.

Através dos gráficos podemos verificar que os alunos de modo geral gostavam das atividades de Expressão Plástica, no entanto não trabalhavam com materiais diversificados nem conheciam algumas técnicas como decalcar e modelar.

Relativamente à ocorrência das atividades de Expressão Plástica os alunos apresentaram diferentes opiniões, no entanto a escolha “uma vez por mês” surge com maior frequência.

Nos gráficos relativos à interdisciplinaridade os alunos referiram que realizavam atividades de Expressão Plástica juntamente com outras áreas curriculares “às vezes” e “nunca”.

No gráfico referente às ilustrações de textos e no gráfico referente ao desenho e colagem de figuras geométricas podemos ver que os alunos por vezes utilizam a expressão plástica no Português e na Matemática. No entanto a utilização de Expressão Plástica no Estudo do Meio raramente ocorre.

Segundo os resultados do questionário a maioria dos alunos não conhece nenhum artista plástico nem obras. Em relação às visitas a museus podemos observar que mais de metade dos alunos nunca visitou um museu. Os alunos que responderam “sim” visitaram museus como o Museu da Eletricidade, o Planetário e o Oceanário.

4.4.2. Avaliação realizada pelos alunos.

No final das cinco sessões de atividades questionámos os alunos sobre a sua opinião das atividades desenvolvidas. Os resultados foram organizados no seguinte quadro. Registámos, também, alguns comentários feitos pela turma.

		Espiral Colorida	Caixa colorida	Canetas Mágicas	Sabonetes com cheiro	Pratos	Azulejos
Número de alunos que consideraram a atividade...	a que mais gostaram	2	0	6	3	15	0
	a que menos gostaram	3	5	5	6	2	5
	a mais fácil	2	1	7	5	7	3
	a mais difícil	4	2	1	6	7	6
	a mais bonita	2	1	5	1	12	5
	a menos bonita	2	2	4	12	2	3

Quadro 5 – Avaliação das atividades

Comentários.

“Que achaste das atividades?”

- “Atividades giras”
- “Gostei, foi giro”
- “Eu gosto de fazer pratos, fazer as canetas é fácil”
- “Gostei muito”
- “Gostei, queria fazer mais”
- “Gostei porque é giro”
- “Gostei porque vocês fazem jogos”
- “Gostei, porque gosto de fazer coisas novas”
- “Gostei, porque eu faço coisas divertidas”
- “Gostei por causa que algumas eram muito divertidas”
- “Gosto, eu gosto mais ou menos de trabalhar, estas atividades foram trabalho”
- “Gostei, porque foi giro”
- “Eu gostei muito de fazer expressão plástica, aprendi a fazer muitas coisas”
- “Foi giro”
- “Eu queria fazer mais acetato”
- “Gostei, porque foi divertido”
- “Gostei de tudo, foi divertido”
- “Gostei muito das caixas”
- “Gostei, porque gosto de pintar”
- “Foi bom”
- “Gostei, porque foi difícil”
- “Eu gostei, por causa que foi muito giro e fizemos atividades e também gostei porque nós fizemos atividades de expressão plástica”
- “Gostei, porque eu gosto muito de jogos”
- “Gostei porque é divertido”
- “Gostei, porque tivemos de desenhar e eu gosto de desenhar”

4.4.3. Análise das atividades.

Na primeira sessão apresentada aos alunos “o tempo dedicado à atividade não foi suficiente para apresentar as obras e para a realização das obras dos alunos” (Apêndice C), esta durou 30 minutos, assim adicionámos 15 minutos às sessões, as outras sessões duraram mais 45 minutos.

Em todas as sessões aplicadas houve alguma conversa e agitação na turma, pois tratando-se de atividades práticas os alunos aproveitaram a organização em grupos e individual para discutir o processo de criação e alguns temas externos às atividades. Esta agitação foi registada tanto na primeira atividade, “toda a turma esteve entusiasmada com a atividades e, apesar de existir alguma conversa entre alunos, a turma manteve-se atenta e respeitou as regras” (Apêndice C), assim como na última atividade, “apesar de ter existido a agitação habitual, os alunos estiveram concentrados, conversando apenas sobre o trabalho” (Apêndice K). No entanto notou-se uma evolução no comportamento da turma, pois o tipo de conversas alterou-se.

Também foi possível observar que a autonomia dos alunos evoluiu, os alunos “mostraram-se mais independentes, sendo capazes de tomar decisões sozinhos ou em conjunto com os seus colegas” (Apêndice K).

Com o decorrer das sessões os alunos desenvolveram o sentido estético, procurando criar obras mais bonitas para si e para os outros, visível no nível de concentração aplicado em cada atividade.

Observámos, igualmente, que os alunos desenvolveram a capacidade de trabalhar em grupo, “a maioria dos alunos que trabalharam em grupo, não tiveram problemas em respeitar e ouvir os colegas” (Apêndice I).

4.4.4. Conclusões.

Após a investigação teórica e a implementação do plano de ação conseguimos retirar algumas conclusões relativas à importância da Expressão Plástica no 1º Ciclo do Ensino Básico e da cultura artística no desenvolvimento das crianças.

Na Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico (2006), o Ministério da Educação refere que “a manipulação e experiências com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade” (p.89), por isso procurámos dar liberdade aos alunos para representarem o que desejarem, ainda que tenham o mesmo ponto de partida, assim como procurámos apresentar aos alunos vários tipos de materiais e técnicas.

Também, no Currículo Nacional do Ensino Básico (2007), o Ministério da Educação refere que “a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os sinais do quotidiano” e que “as artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida” (p.151).

Retomando a questão inicial: Será possível desenvolver a criatividade em alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, ao explorar a cultura artística?

Após a implementação e avaliação do plano de ação é possível constatar que os alunos do 1º Ciclo, especificamente do primeiro ano, desenvolveram a capacidade de inovar, de criar algo fora do comum, desenvolveram a criatividade. Ao realizarem atividades que exploram a arte plástica e artistas plásticos, o trabalho em grupo e a autoestima e principalmente ao realizarem atividades divertidas e motivadoras, os alunos, não só criam obras criativas e inovadoras, como mostram interesse em descobrir mais obras de arte e artistas e em visitar museus.

5. Reflexão final

5.1. Implicações do plano de ação para a prática profissional futura

A investigação e a realização do relatório final contribuiu para a nossa prática profissional futura de diferentes modos.

O contacto com os alunos permitiu diversas aprendizagens, seja de conceitos e conhecimentos, pois para planear um conjunto de atividades é necessário explorar o tema profundamente, para que possamos estar preparadas para qualquer tipo de questão e comentário; seja no desenvolvimentos de capacidades e técnicas de ensino, que foram experimentadas e modificadas constantemente, até descobrirmos o método que resulta com a nossa personalidade e com a turma em questão; seja através de conversas em pequenos grupos ou em coletivo, em que os alunos nos surpreendem com os seus comentários; e principalmente aprendizagens relacionadas com as relações humanas, pelo carinho sentido desde o início do estudo.

Este plano de ação específico possibilitou aprofundar conhecimentos sobre a arte, especificamente a arte plástica. Estes conhecimentos irão criar uma postura mais confiante ao explorar este tema em salas de aula futuras, pois poderemos repetir o que o plano de ação teve de melhor, corrigindo os erros e adaptando-o de acordo com a turma em questão.

Durante a aplicação das atividades podemos observar o prazer que os alunos tiveram ao construir e ao apresentar as suas obras de arte aos familiares. Observámos as dificuldades, que agora podemos prever com maior exatidão, apesar de surgirem dificuldades diferentes em cada turma. Observámos as capacidades e as limitações de cada aluno.

5.2. Potencialidades e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional

Durante todo o estágio realizado surgiram aspetos positivos e outros que condicionaram a nossa prática.

O estágio permitiu explorar todas as áreas do saber e trabalha-las com uma turma. Esta experiência em sala permitiu-nos cometer erros e experimentar hipóteses, com o apoio e supervisão do professor titular da turma e dos professores responsáveis pelo curso.

O apoio do professor cooperante foi uma constante, que apesar das suas limitações pessoais e profissionais, apoiou-nos sempre que solicitado, dando a sua opinião e fazendo comentários sobre a nossa prática, para que pudéssemos evoluir enquanto professores.

Para além da presença do professor titular, sentimos o apoio de toda a comunidade escolar, que sempre se mostrou disponível a ajudar em todas as ocasiões. Assim como da turma, que se mostrou disponível para a realização das atividades e a introdução de novos conceitos.

Relativamente às limitações sentidas ao longo do tempo de estágio podemos referir a falta de recursos, sendo que os recursos utilizados pelos alunos foram disponibilizados pela investigadora.

O tempo que foi dedicado ao estágio, na maioria das vezes não foi insuficiente para o planeamento das atividades e para a preparação dos materiais, impedindo uma reflexão mais cuidada.

6. Referências Bibliográficas

Almeida, A.B. (1980). *A Educação Estético- Visual no Ensino Escolar*. (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Balancho, M. & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. (2ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

Magalhães, F. (2003). *Psicologia da Criatividade*. ISCE: Departamento de Psicologia.

ME-DEB. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Editorial do ME- DEB.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas de Ensino Básico — 1.º Ciclo* (4ª ed.). Mem Martins: Departamento da Educação Básica.

Morais, M. F. (2001). *Definição e avaliação da criatividade*. Braga: Universidade do Minho.

Gonçalves, R., Fróis, J., & Marques, E. (2011). *Primeiro Olhar – Programa Integrado de Artes Visuais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito – teoria e prática*. (3ª ed.). Oeiras: Celta. (Obra original em inglês publicada em 1985).

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Jardim, M. A. (2010). *Psicologia da Arte – A imaginação como pedagogia alternativa e a função terapêutica da literatura in Alice no País das Maravilhas*. Porto: edições Universidade Fernando Pessoa.

Layton, R. (2001). *A Antropologia da arte*. (A. Queirós Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original em inglês publicada em 1991).

Patrício, M. (2001). Por uma escola centrada na aprendizagem e ordenada para promover poder criador do homem. III parte, Cap.I, In Manuel Patrício (Org.), *Escola, aprendizagem e criatividade*. Coleção Mundo dos Saberes 28. Porto: Porto Editora.

Parsons, M. J. (1992). *Compreender a arte*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original em inglês publicada em 1987).

Pinto, R., (2001). Da «Homogeneidade» do Sistema à Diversidade de Indivíduos... Que Criatividade? In M., Patrício (Org), *Escola, aprendizagem e criatividade*. Coleção Mundo dos Saberes. Porto: Porto Editora.

Prandi, L.R.; Neves, A.B.; Gouveia, L. & Hoepfner, M.G (2006). *A Importância da Criatividade na Educação*. Akropolis- Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, 14 (2), 51-53.

Read, H. (1982). *A Educação pela arte*. (2ª ed.). Lisboa: Edições 70. (Obra original em inglês publicada em 1958).

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Sternberg, R.J. (2007). *Creativity as a Habit. Creativity: A Handbook for Teachers*. Singapore: World Scientific Publishing.

Tedesco, J. C. (1999). *O novo pacto educativo*. Vila Nova de Gaia: Edição Fundação Manuel Leão.

Vygotsky, L.S. (1984). *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.

Apêndice A

Expressão Plástica

Inquérito por questionário

Ajuda-me a descobrir as tuas preferências e o que sabes sobre a expressão plástica, respondendo com uma cruz às seguintes questões:

1. Que idade tens?

- ☐ 6 anos
☐ 7 anos
☐ + 7 anos

2. Qual é o teu género?

- ☐ Feminino
☐ Masculino

3. Gostas das atividades de Expressão Plástica?

- | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Gosto muito | <input type="checkbox"/> Gosto pouco |
| <input type="checkbox"/> Gosto | <input type="checkbox"/> Não gosto |

4. Como são as aulas de Expressão Plástica? (escolhe 1 das opções)

- | | |
|--------------------------------------|----------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Divertidas | <input type="checkbox"/> Sempre iguais |
| <input type="checkbox"/> Aborrecidas | |

5. Quais são os materiais que mais utilizas nas atividades de Expressão Plástica? (escolhe 3 das opções)

- | | |
|---------------------------------------------------|------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lápis de cor | <input type="checkbox"/> Barro |
| <input type="checkbox"/> Lápis de cera | <input type="checkbox"/> Plasticina |
| <input type="checkbox"/> Marcadores | <input type="checkbox"/> Massa de moldar |
| <input type="checkbox"/> Tintas | <input type="checkbox"/> Fios de lã |
| <input type="checkbox"/> Papel de lustro ou crepe | <input type="checkbox"/> Tecidos |
| <input type="checkbox"/> Sabão | <input type="checkbox"/> Lápis de carvão |
| <input type="checkbox"/> Papel vegetal | |

6. Quais as técnicas que usas mais vezes? (escolhe 3 das opções)

☐ Desenhar

☐ Cortar

☐ Pintar

☐ Modelar

☐ Dobrar

☐ Construir

☐ Colar

☐ Costurar

☐ Decalcar

7. As atividades de Expressão Plástica realizam-se?

☐ Todos os dias

☐ Uma vez por semana

☐ Uma vez por mês

☐ Em datas festivas (dia do Pai, dia da Mãe, Natal...)

8. Costumas realizar as atividades de Expressão plástica quando fazes trabalhos nas áreas de:

Português

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

Matemática

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

Estudo do Meio

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

9. Costumas ilustrar histórias ou textos produzidos por ti?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

10. Costumas fazer desenhos ou colagens com figuras geométricas?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

11. Costumas fazer construções com materiais de desperdício?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

12. Costumas reproduzir quadros de pintores famosos?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

13. Costumas criar as roupas para vestir os teus bonecos?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

14. Costumas criar objetos com pasta de moldar para as aulas de estudo do meio?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

15. Costumas criar letras, números ou figuras geométricas com pasta de moldar ou com plasticina?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

16. Conheces algum artista (pintor ou escultor)?

☐ Sim

☐ Não

Se sim, quais?

17. Lembraste de alguma pintura ou escultura de artistas famosos?

☐ Sim

☐ Não

18. Já visitaste algum museu?

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual?

Obrigado pela tua ajuda!

Apêndice B

Local: EB1/JI nº 1 de Loures		Atividade: 1- Espiral Colorida e Caixa Pintada		Duração: 30 minutos		
Turma: 1º ...				Professor Titular: M...		
Nº de Alunos: 26				Estagiária: Susana Sousa		
Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Expressão Plástica	Descoberta e Organização Progressiva de Volumes	Modelagem e Escultura	Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: plasticina Modelar usando apenas as mãos	<p>1- Apresentação dos artistas e das obras: apresenta-se aos alunos, em suporte digital, os dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e uma obra realizada por cada escultor. Ao apresentar os escultores, refere-se os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Ao apresentar as obras refere-se alguns dos materiais que foram utilizados e o seu nome.</p> <p>2- Realização das obras: Explica-se aos alunos o que devem utilizar para reproduzir as obras e concede-se algumas indicações para a construção das obras. Assinala-se aos alunos que a turma deve ser dividida em duas partes, metade da turma reproduz a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Distribui-se os materiais e os alunos devem construir as suas obras, podendo fazer-las de acordo do modo que considerar mais adequado.</p> <p>Joana Vasconcelos: Os alunos devem usar as plasticinas de diferentes cores para criar vários cilindros finos e compridos. Sobre a folha de jornal os alunos devem criar uma espiral com os cilindros de plasticina.</p> <p>Rafael Bordallo Pinheiro: Os alunos devem pintar as caixas com a tinta do modo que desejarem.</p>	Computador; Imagens dos autores e das obras; Plasticina; Caixas de madeira; Pinceis; Tintas acrílicas; Jornais.	Observação direta, durante a execução das obras; Análise posterior das obras, com apoio do registo fotográfico, e da narrativa reflexiva
		Construções	Fazer construções			
	Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies	Pintura	Explorar as possibilidades técnicas de pinceis			

Apêndice C

Diário de Bordo	
1ª Atividade – Espiral Colorida e Caixa Pintada	
Reflexão Antes da Prática	<p>Durante o planejamento da atividade a investigadora procurou refletir sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • as obras escolhidas. As obras foram escolhidas de acordo com a possibilidade de execução, sendo que os materiais não seriam idênticos aos utilizados nas obras originais. Os alunos poderiam não compreender as obras nem o objetivo destas. • os materiais utilizados. Alguns alunos poderiam ter dificuldade em manusear os materiais. Seria necessário ter em atenção as dificuldades dos alunos e ajuda-los a ultrapassá-las durante a atividade. • o tempo dedicado às atividades. Os alunos poderiam não ter tempo suficiente para executar a sua obra, pois uma parte do tempo dedicado a este estudo seria uma breve apresentação dos artistas e das obras. • a divisão da turma. A turma foi dividida em duas partes, sendo que uma parte imita a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo. Esta divisão permitiu que a turma conhecesse mais materiais e obras mas os alunos poderiam querer realizar as duas obras. A divisão da turma foi feita pelos alunos, dando a oportunidade a alguns alunos de escolher a obra.
Reflexão Durante a Prática	<p>Durante a aplicação da atividade a investigadora apercebeu-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • os alunos mostraram grande interesse em conhecer os artistas e as suas obras. No entanto ficaram ansiosos por começar a atividade. • alguns alunos queriam trocar de obra ou fazer as duas tarefas, mas a maioria dos alunos aceitou a obra que lhe foi destinada, mesmo quando não era a preferida, pois sabiam que numa próxima atividade poderiam escolher a obra. • toda a turma esteve entusiasmada com a atividade e, apesar de existir alguma conversa entre alunos, a turma manteve-se atenta e respeitou as regras.

	<ul style="list-style-type: none"> os alunos construíram as suas obras seguindo diferentes caminhos. Na atividade Espiral Colorida houve alunos que iniciaram o processo pelo interior da espiral, criando uma espiral mais justa e compacta, e alunos que começaram pela parte exterior, faltando plasticina para preencher o interior da espiral.
Reflexão Após a Prática	<p>Após a atividade a investigadora procurou refletir sobre todo o processo, refletindo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> as obras escolhidas. Os alunos não se interessaram pelo significado ou objetivo das obras, concentrando-se apenas se eram giras. É importante trabalhar as obras com os alunos, nas próximas atividades. os materiais utilizados. Os alunos não mostraram qualquer dificuldade em trabalhar com os materiais. o tempo dedicado à atividade não foi suficiente para apresentar as obras e para a realização das obras dos alunos. a divisão da turma. Apesar de não poderem realizar as duas tarefas os alunos compreenderam e aceitaram a divisão, mas esperam poderem realizar a outra tarefa mais tarde.
Conclusões	<p>Depois destes três momentos de reflexão é possível concluir que:</p> <ul style="list-style-type: none"> é necessário abordar novamente os artistas e explorar com mais atenção as obras. os materiais selecionados estavam adequados à turma. é necessário aumentar o tempo dedicado ao estudo. é necessário criar uma ultima atividade que permitirá aos alunos executar uma obra selecionada por cada um dos alunos, entre as obras já trabalhadas. a turma fica entusiasmada com atividades de expressão plástica. cada aluno utiliza métodos diferentes para reproduzir a mesma obra de arte, utilizando a sua criatividade e fazendo as suas escolhas, pois foi-lhes dado autonomia.

Apêndice D

Local: EB1/JI nº 1 de Loures		Atividade: 2 – Canetas Mágicas e Sabonetes com Cheiro		Duração: 45 minutos		
Turma: 1º ...				Professor Titular: M...		
Nº de Alunos: 26				Estagiária: Susana Sousa		
Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Expressão Plástica	Descoberta e Organização Progressiva de Volumes	Modelagem e Escultura	Esculpir em barras de sabão	1- Apresentação dos artistas e das obras: apresenta-se aos alunos, em suporte digital, os dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e uma obra realizada por cada escultor. Ao apresentar os escultores, refere-se os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Ao apresentar as obras refere-se alguns dos materiais que foram utilizados e o seu nome. 2- Realização das obras: Explica-se aos alunos o que devem utilizar para reproduzir as obras e concede-se algumas indicações para a construção das obras. Assinala-se aos alunos que a turma deve ser dividida em duas partes, metade da turma reproduz a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Distribui-se os materiais e os alunos devem construir as suas obras, podendo fazer-las de acordo do modo que considerar mais adequado.	Computador; Imagens dos autores e das obras; Acetatos; Canetas para acetatos; Sabonetes; Pinceis; Jornais.	Observação direta, durante a execução das obras; Análise posterior das obras, com apoio do registo fotográfico, e da narrativa reflexiva
	Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies	Pintura	Pintar livremente em suportes neutros	Joana Vasconcelos: Os alunos devem desenhar e pintar o que desejarem nas folhas (A5) de acetato, tendo cuidado para não pintar nas mesas, pois as folhas são transparentes. Rafael Bordallo Pinheiro: Os alunos devem esculpir com os pinceis, os sabonetes, do modo que desejarem		

Apêndice E

Diário de Bordo	
2ª Atividade – Canetas Mágicas e Sabonetes com Cheiro	
Reflexão Antes da Prática	<p>Durante o planejamento da atividade a investigadora procurou refletir sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • as obras escolhidas. Na atividade anterior não foi dada atenção suficiente às obras, sendo necessário explorá-las com mais atenção. • os materiais utilizados. Tal como na atividade anterior os alunos poderiam apresentar dificuldade em manusear os materiais. Sendo necessário experimentar os materiais. • o tempo dedicado às atividades. Na última atividade a duração da atividade não foi suficiente, sendo que a duração desta segunda atividade foi alterada para 45 minutos. No entanto poderia ser mais fácil organizar os alunos, pois já conhecem a estrutura deste tempo. • a distribuição das duas obras. Nesta atividade a distribuição das obras foi feita previamente. • a organização da sala de aula. Devido à reduzida quantidade de canetas (14 canetas) os alunos teriam de ser organizados em grupos.
Reflexão Durante a Prática	<p>Durante a aplicação da atividade a investigadora percebeu-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • os alunos reconheceram os artistas e nomearam alguns dados sobre estes. • os alunos mostraram já estarem preparados para a atividade, organizando-se rapidamente. • a maioria da turma aceitou a distribuição das obras, mas no caso de um aluno foi necessário trocar pois não conseguia trabalhar com o cheiro dos sabonetes. • os alunos gostaram mais de desenhar do que esculpir os sabonetes. • os alunos consideraram difícil esculpir os sabonetes, principalmente por não saberem o que esculpir.

Reflexão Após a Prática	<p>Após a atividade a investigadora procurou refletir sobre todo o processo, refletindo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none">• as obras escolhidas. Os alunos continuaram a não se interessar pelo significado ou objetivo das obras, concentrando-se apenas se eram giras, apesar da nova abordagem.• os materiais utilizados. Os alunos não mostraram qualquer dificuldade em trabalhar com os acetatos e as canetas, no entanto tiveram dificuldade em esculpir os sabonetes, não por ser um material rijo e pouco maleável, mas por dar completa liberdade perante a escolha de como e o que poderiam fazer.• o tempo dedicado. A duração desta segunda atividade foi suficiente para apresentar as obras e para a realização das obras.• a distribuição das obras. Os alunos, em geral, aceitaram a distribuição e geraram menos confusão.• a organização da sala. Como os alunos foram organizados em grupos tornou-se mais fácil orientar os alunos, explicando as regras e ajudando vários ao mesmo tempo.
Conclusões	<p>Depois destes três momentos de reflexão é possível concluir que:</p> <ul style="list-style-type: none">• apesar de ter existido uma abordagem diferente, relativamente às obras, os alunos mostraram maior interesse na execução das suas obras do que em conhecer as obras originais.• os materiais selecionados estavam adequados à turma.• o tempo dedicado ao estudo é adequado.• organizar a sala em grupos ajuda a orientar a turma.• ao distribuir as obras previamente permite que cada aluno tenha a obra que mais se adequa às suas capacidades e conhecimentos.• os alunos, apesar de parecer não mostrarem interesse em conhecer os artista, reconheceram de imediato os artistas.

Apêndice F

Local: EB1/JI nº 1 de Loures Turma: 1º ... Nº de Alunos: 26			Atividade: 3 – Preparação dos Azulejos e dos Pratos			Duração: 45 minutos Professor Titular: M... Estagiária: Susana Sousa	
Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Estratégias		Recursos	Avaliação
Expressão Plástica	Descoberta e Organização Progressiva de Volumes	Modelagem e Escultura	<p>Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: pasta de moldar</p> <p>Modelar usando apenas as mãos</p>	<p>1- Apresentação dos artistas e das obras: apresenta-se aos alunos, em suporte digital, os dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e uma obra realizada por cada escultor. Ao apresentar os escultores, refere-se os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Ao apresentar as obras refere-se alguns dos materiais que foram utilizados e o seu nome.</p> <p>2- Realização das obras: Explica-se aos alunos o que devem utilizar para reproduzir as obras e concede-se algumas indicações para a construção das obras. Assinala-se aos alunos que a turma deve ser dividida em duas partes, metade da turma reproduz a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Distribui-se os materiais e os alunos devem construir as suas obras, podendo fazê-las de acordo do modo que considerar mais adequado.</p> <p>Joana Vasconcelos: Os alunos devem desenhar numa folha branca o desenho que desejam colocar nos azulejos. Cada aluno deve ter um azulejo mas devem trabalhar em grupo de 4 ou de 5. Devem também indicar as cores que necessitam.</p> <p>Rafael Bordallo Pinheiro: Os alunos devem utilizar a pasta de moldar para formar um prato.</p>		<p>Computador; Imagens dos autores e das obras; Folhas de papel; Material de desenho; Lápis de cor; Pasta de moldar; Jornais.</p>	<p>Observação direta, durante a execução das obras; Análise posterior das obras, com apoio do registo fotográfico, e da narrativa reflexiva</p>
	Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies	Desenho	<p>Desenhar sobre num suporte previamente preparado</p>				

Apêndice G

Diário de Bordo	
3ª Atividade – Preparação dos Azulejos e dos Pratos	
Reflexão Antes da Prática	<p>Durante o planejamento da atividade a investigadora procurou refletir sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> o trabalho em grupo. Os alunos, habitualmente, não trabalham, em grupo. Seria possível sentir alguma resistência perante esta organização. o comportamento da turma. Os alunos têm apresentado alguma agitação nas sessões anteriores, nesta sessão pode-se prever o mesmo tipo de comportamento. o material utilizado. A pasta de moldar pode ser difícil de manusear, mesmo que a forma pretendida seja simples.
Reflexão Durante a Prática	<p>Durante a aplicação da atividade a investigadora apercebeu-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> dois dos três grupos encarregues de criar o plano para os azulejos conseguiram trabalhar em grupo, discutindo e refletindo sobre o trabalho. a maioria dos alunos que utilizaram a pasta de moldar para construir os pratos tiveram dificuldade em unir diferentes pedaços da pasta de moldar. tal como nas outras sessões, a turma esteve agitada e entusiasmada com as atividades, mostrando-se mais preocupada com o seu trabalho.
Reflexão Após a Prática	<p>Após a atividade a investigadora procurou refletir sobre todo o processo, refletindo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> o trabalho em grupo. A maioria dos alunos que trabalham em grupo, não tiveram problemas em respeitar e ouvir os colegas. o comportamento da turma. Apesar de ainda ter existido algum ruído, as conversas eram apenas sobre o trabalho que estava perante os alunos. o material utilizado. Os alunos tiveram dificuldades em trabalhar com a pasta de moldar, mas todos conseguiram atingir o objetivo final.

Conclusões	<p>Depois destes três momentos de reflexão é possível concluir que:</p> <ul style="list-style-type: none">• a maioria dos alunos já conseguiu trabalhar em grupo.• o comportamento da turma alterou-se, concentrando-se apenas nas atividades propostas.• os alunos conseguiram-se adaptar aos materiais apresentados.
------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Apêndice H

Local: EB1/JI nº 1 de Loures Turma: 1º ... Nº de Alunos: 26			Atividade: 4 – Pintura dos Azulejos e dos Pratos		Duração: 45 minutos Professor Titular: M... Estagiária: Susana Sousa	
Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Expressão Plástica	Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies	Pintura	Pintar livremente em suportes neutros Pintar livremente em grupo	3- Apresentação dos artistas e das obras: apresenta-se aos alunos, em suporte digital, os dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e uma obra realizada por cada escultor. Ao apresentar os escultores, refere-se os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Ao apresentar as obras refere-se alguns dos materiais que foram utilizados e o seu nome. 4- Realização das obras: Explica-se aos alunos o que devem utilizar para reproduzir as obras e concede-se algumas indicações para a construção das obras. Assinala-se aos alunos que a turma deve ser dividida em duas partes, metade da turma reproduz a obra de Vasconcelos e a outra metade a obra de Bordallo Pinheiro. Distribui-se os materiais e os alunos devem construir as suas obras, podendo fazê-las de acordo do modo que considerar mais adequado.	Computador; Imagens dos autores e das obras; Planos dos desenhos para os azulejos (realizados pelos alunos); Tinta acrílica: Pinceis; Pratos de pasta de moldar (realizados pelos alunos); Jornais.	Observação direta, durante a execução das obras; Análise posterior das obras, com apoio do registo fotográfico, e da narrativa reflexiva
		Desenho	Desenhar sobre num suporte previamente preparado	Joana Vasconcelos: Os grupos de alunos (4 ou 5) devem desenhar e pintar nos azulejos os desenhos feitos em folha de papel, realizados no dia anterior. Os alunos devem ter o cuidado de não sobrepor as tintas enquanto não secarem. Rafael Bordallo Pinheiro: Os alunos devem pintar e decorar os pratos realizados no dia anterior, como desejarem.		

Apêndice I

Diário de Bordo	
4ª Atividade – Pintura dos Azulejos e dos Pratos	
Reflexão Antes da Prática	<p>Durante o planeamento da atividade a investigadora procurou refletir sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a quantidades de cores disponíveis. Os alunos poderiam querer utilizar mais cores do que as disponíveis. • as técnicas de pintura. Os alunos nunca utilizaram azulejos nem pasta de moldar, pinta-las poderia ser difícil devido às suas características. • a hipótese de os alunos se sujarem. Ao pintar os alunos podiam sujar as suas roupas, as mesas e o chão da sala. • a secagem da pasta de moldar. Os pratos podiam não ter tido tempo para secarem completamente.
Reflexão Durante a Prática	<p>Durante a aplicação da atividade a investigadora apercebeu-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • os alunos conseguiram manter o comportamento verificado na sessão anterior. • alguns pratos não estavam completamente secos. • existiu alunos que usaram as tintas dos colegas. • o chão da sala, por vezes, sujou-se com tinta. • a tinta em contacto com os azulejos escorreu em alguns casos, mas os alunos conseguiram rapidamente resolver esta situação.
Reflexão Após a Prática	<p>Após a atividade a investigadora procurou refletir sobre todo o processo, refletindo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • as cores disponíveis. O número de cores entregue a cada par não foi suficiente, no entanto os alunos resolveram a situação realizando trocas entre os pares. • os materiais. Foi mais fácil pintar a pasta de moldar do que os azulejos, pois a tinta acrílica em contato com os azulejos, enquanto não secava, escorria. Enquanto que na pasta de moldar a tinta aderiu rapidamente, apesar de que em alguns casos a cor ficava alterada.

Conclusões	<p>Depois destes três momentos de reflexão é possível concluir que:</p> <ul style="list-style-type: none">• os alunos conseguiram rapidamente encontrar soluções para diferentes obstáculos, desenvolvendo a autonomia, a criatividade e a capacidade de improvisação.• grande parte da turma teve cuidado para não sujar a roupa e a sala, quando a sala ficava suja os alunos responsáveis limpavam-na de imediato, mostrando responsabilidade pelos seus atos.• os alunos respeitam os colegas e os seus trabalhos, sendo capazes de partilhar.• os alunos de mostraram a capacidade de imaginar a obra final e de reproduzir os seus planos, assim como criatividade durante a pintura das obras.
------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Apêndice J

Local: EB1/JI nº 1 de Loures		Atividade: 5 – As Escolhas		Duração: 45 minutos		
Turma: 1º ...				Professor Titular: M...		
Nº de Alunos: 26				Estagiária: Susana Sousa		
Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Expressão Plástica	Descoberta e Organização Progressiva de Volumes	Modelagem e Escultura	Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: plasticina e pasta de moldar	5- Apresentação dos artistas e das obras: apresenta-se aos alunos, em suporte digital, os dois artistas, Joana Vasconcelos e Rafael Bordallo Pinheiro, e todas obras trabalhadas anteriormente. Ao apresentar os escultores, pede-se aos alunos que digam os nomes dos artistas e algumas informações sobre a sua vida e obras. Ao apresentar as obras pede-se aos alunos que refiram-se alguns dos materiais que foram utilizados e o seu nome. 6- Realização das obras: Relembra-se aos alunos o que devem utilizar para reproduzir as obras. Recordar-se aos alunos quais foram as obras que eles escolheram anteriormente e distribui-se os materiais. Os alunos devem construir as suas obras, podendo fazê-las de acordo do modo que considerar mais adequado.	Computador; Imagens dos autores e das obras; Tinta acrílica; Pinceis; Sabonetes; Azulejos; Acetatos; Canetas de acetato; Plasticina; Pasta de moldar; Jornais.	Observação direta, durante a execução das obras; Análise posterior das obras, com apoio do registo fotográfico, e da narrativa reflexiva
			Modelar usando apenas as mãos			
	Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies	Construções	Esculpir em barras de sabão			
			Fazer construções			
		Pintura	Pintar livremente em suportes neutros			
			Pintar livremente em grupo			
			Explorar as possibilidades técnicas de pinceis			
		Desenho	Desenhar sobre num suporte previamente preparado			

Apêndice K

Diário de Bordo	
5ª Atividade – As Escolhas	
Reflexão Antes da Prática	<p>Durante o planejamento da atividade a investigadora procurou refletir sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a pertinência da atividade. A atividade surgiu porque os alunos pediram repetidamente para repetir algumas atividades. • a organização da sala e da turma. A organização da turma dependeu da quantidade de alunos q realizar determinada atividade.
Reflexão Durante a Prática	<p>Durante a aplicação da atividade a investigadora apercebeu-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • os alunos estavam muito motivados para repetir a sua atividade favorita. • apesar de existir um grupo de grandes dimensões, toda a turma manteve o bom comportamento, conversando apenas sobre o trabalho e a partilha de materiais. • a turma realizou as atividades rapidamente, pois já conheciam os procedimentos necessários.
Reflexão Após a Prática	<p>Após a atividade a investigadora procurou refletir sobre todo o processo, refletindo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a pertinência da atividade. Os alunos ficaram muitos satisfeitos com a hipótese de repetir as atividades ou de experimentar novas atividades. • o comportamento. Apesar de ter existido a agitação habitual, os alunos estiveram concentrados, conversando apenas sobre o trabalho. • o número de alunos por grupo. Um dos grupos era constituído por 11 alunos, no entanto os alunos respeitaram as regras da sala.
Conclusões	<p>Depois destes três momentos de reflexão é possível concluir que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • os alunos, perante um trabalho motivante, consegue manter um comportamento adequado, respeitando todos aqueles que estiveram presentes na sala.

	<ul style="list-style-type: none">• a turma já consegue trabalhar em grupo, independentemente o numero de alunos que constitui o grupo.• mostram-se mais independentes, sendo capazes de tomar decisões sozinhos ou em conjunto com os seus colegas.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------